



# *Isoladas*

## *A história de oito mulheres criminalizadas por aborto*

Textos: Evanize Sydow e Beatriz Galli

Entrevistas: Evanize Sydow e João Roberto Ripper

Fotos: João Roberto Ripper

Capa e Projeto Gráfico: Carlos Vasconcelos Pitombo

Apoio: Fundação Heinrich Böll e Action Aid

Novembro, 2011





# Índice

|  |    |
|--|----|
| Introdução .....   | 05 |
| Pálidas por relembrar suas dores. Belas em reviver sua resistência ..... | 11 |

## ***Parte I***

|                                   |    |
|-----------------------------------|----|
| A angústia de Maria Luisa .....   | 15 |
| O medo de Beatriz .....           | 23 |
| A escolha de Laura .....          | 31 |
| A dúvida de Lorena .....          | 43 |
| A aflição de Olga .....           | 57 |
| O direito de escolha de Lia ..... | 67 |

## ***Parte II***

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| A tristeza de Libertina e Nelma ..... | 79 |
|---------------------------------------|----|





## *Introdução*

Este livro tem como objetivo documentar, em forma de depoimentos, as histórias de seis das cerca de 10 mil mulheres que realizaram aborto em uma clínica de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, além de duas profissionais de saúde que trabalhavam no local.

Uma das questões presentes nesta documentação é a discussão sobre o estigma social pelo qual as mulheres ficam marcadas. O que isso representa para as suas vidas, como elas lidam com ele, de que forma isso mudou a convivência com a família, os amigos, os companheiros e no ambiente profissional são algumas das questões que poderão ser vistas a partir dos depoimentos, nos dando a ótica de quem passa pelo abortamento inseguro e como isso atinge o seu dia-a-dia.

Chegar a essas mulheres e convencê-las a, pela primeira vez, falar sobre o que passaram foi o nosso desafio maior. Elas vivenciam o estigma em suas diferentes formas. Foram cerca de dois anos buscando por essas personagens, tentando mostrar a elas que elas seriam respeitadas, bem como sua privacidade, tendo em vista que o maior medo que têm é que as pessoas mais próximas – familiares, amigos e colegas de trabalho – saibam o que passaram e as discriminem. Elas têm medo, têm angústia, têm dúvidas. Não sabem como aquelas com quem convivem reagiriam se soubessem. Todas elas têm filhos, são ou foram casadas, todas vivem em Campo Grande, uma capital que mantém o perfil de cidade onde todos sabem de tudo, daí a insegurança em serem reconhecidas e sofrerem ainda mais.

A partir dos seus relatos, esperamos desmistificar os tabus e preconceitos sobre o tema do aborto para que elas sejam vistas como mulheres comuns, mães, esposas, filhas, companheiras, que, em algum momento, optaram por não continuar a sua gravidez e que por isso passaram a ser consideradas suspeitas ou criminosas pelo Estado. Além disso, pretendemos



provocar uma reflexão mais ampla e baseada em fatos reais sobre o impacto da criminalização do aborto para as mulheres e os vários níveis de estigma que elas vivenciam.

Evanize Sydow<sup>1</sup>

Beatriz Galli<sup>2</sup>

## *O caso Mato Grosso do Sul: aborto, estigma e discriminação - Pelas vozes das mulheres<sup>3</sup>*

Esta comunicação oral tem o objetivo de apresentar e discutir as histórias de vida e experiências de algumas das centenas de mulheres investigadas e processadas criminalmente por supostamente terem realizado aborto em uma clínica de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, a partir de documentação oral com base entrevistas temáticas com essas personagens. O trabalho pretende analisar os relatos de estigma social em dimensões como convivência com a família, os amigos, os companheiros e no ambiente profissional. A análise a partir dos direitos humanos sobre a criminalização e o impacto na vida das mulheres que vivem enredadas pelo medo - bem como a sua falta de acesso aos serviços públicos de saúde, nos casos de aborto previstos em lei, são aspectos importantes a serem apresentados e discutidos neste trabalho.

No Brasil, embora a legislação não seja tão restritiva quanto em outro países a criminalização do procedimento impõe às mulheres elevados custos sociais, pessoais e familiares. A ilegalidade do aborto não impede que este seja praticado, mas implica riscos de saúde inerentes à clandestinidade. O aborto inseguro é a quarta causa de morte materna.

A restrição criminal viola os direitos das mulheres a auto-determinação reprodutiva sobre uma circunstância que terá impactos definitivos sobre sua vida, violando os seus direitos humanos. Sobretudo, como veremos a seguir, sujeita as mulheres a constrangimentos e exposição pública por parte de autoridades policiais, judiciais e da

<sup>1</sup> Evanize Sydow, jornalista, mestre em História Contemporânea, Bens Culturais e Projetos Sociais pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, consultora da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, desenvolvendo trabalho na Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

<sup>2</sup> Maria Beatriz Galli, Advogada, mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Toronto, membro do CLADEM Brasil - Comitê Latino-Americano e do Caribe pelos Direitos da Mulher, associada de políticas para América Latina do Ipas. ([www.ipas.org](http://www.ipas.org))

<sup>3</sup> Este texto foi submetido para apresentação no Congresso Internacional Fazendo Gênero 9, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, agosto de 2010.



mídia, violando direitos e contribuindo para o estigma social, como revela o depoimento a seguir:

“Eu não consegui viver confortavelmente com isso até hoje. Então, remexer nisso, eu ser chamada para responder como um crime, e numa situação tão dolorosa... porque só eu estou sendo intimada? Este é ainda o meu grande questionamento. Por que só nós, mulheres, somos punidas? Ninguém consegue me responder isso. Será que ninguém pensa nisso? Por que só a mulher? Eu me sinto injustiçada. Eu acho que o rapaz com quem eu me envolvi também é responsável, eu acho até que muito mais, porque se ele tivesse me apoiado, não que eu esteja querendo me isentar da culpa, mas eu acho que ele também é muito responsável por tudo isso, e com a vida dele não aconteceu nada. Agora eu tenho que ir ao fórum, todo mês, prestar contas, onde eu estou, onde eu moro. Por dois anos eu vou ter que passar por isso, não posso sair daqui sem me comunicar.”

A violência traduzida em estigma pelo qual elas passam é nítida nos depoimentos carregados de dor, medo, emoção e indignação pela violação de seus direitos. Cada história ali nos dá a dimensão do problema do aborto no Brasil. Nenhuma daquelas mulheres entrevistadas passou pela dolorosa experiência de interromper uma gravidez sem demonstrar que aborto não é algo pelo qual se passa porque se quer.

Ninguém quer se sujeitar a condições insalubres, ninguém quer correr risco de morte, ninguém quer ser vista como uma transgressora. É disso o que tratam os depoimentos emocionados e emocionantes que fazem parte desta pesquisa, feita, principalmente, utilizando a metodologia de história oral, que é importante para a abordagem deste tema pois as entrevistas “*com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo*”<sup>4</sup> não apenas trazem as impressões e a memória do entrevistado a respeito do tema estudado ou do contexto histórico no qual o personagem se insere, mas também porque, muitas vezes, oferecem elementos para a pesquisa que não estão disponíveis em bibliografia. No caso das mulheres que estão sendo processadas por terem feito aborto, esses elementos são fundamentais, uma vez que, a partir deles, podemos trabalhar com o conceito e a problemática do estigma social pelo qual elas passam.

O texto “Histórias dentro da história”, de Verena Alberti, analisa as possibilidades de pesquisa pela história oral e mostra que um dos principais atributos desta é possibilitar o estudo das experiências passadas de pessoas ou grupos. Isto “torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas”<sup>5</sup>. É o caso

<sup>4</sup> ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 2a edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 18

<sup>5</sup> ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da história”. In: PINSKY, Carla (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p.165



do quanto as experiências pelas quais essas mulheres de Mato Grosso do Sul passaram vão refletir em sua vida, seja na relação com a família, com o seu parceiro ou com a sociedade na qual vivem. Nesse sentido, as entrevistas com estas personagens trazem elementos que a pesquisa em bibliografia ou o levantamento quantitativo dos casos não oferecem, ou nos dá de forma generalizante e sem o elemento humano.

Uma das questões presentes na documentação é a discussão sobre o estigma social pelo qual as mulheres ficam marcadas. O que isso representa para as suas vidas, como elas lidam com ele, de que forma isso mudou a convivência com a família, os amigos, os companheiros e no ambiente profissional são algumas das questões que podem ser ouvidas e analisadas a partir dos depoimentos. Dessa forma, a documentação do caso das mulheres de Mato Grosso do Sul nos dá a ótica de quem passa pelo abortamento inseguro e como isso atinge o dia-a-dia das envolvidas.

Aquelas que se dispuseram a falar tratam de vários elementos deste problema de saúde pública. Um deles, inclusive, traz à tona a discussão da ética jornalística, já que, ao invadir a clínica, a polícia tinha a companhia de uma equipe de reportagem da TV Morena, afiliada da TV Globo em Campo Grande.

Será que algum momento eles pararam para pensar na vida dessas mulheres, eles não pensaram nos casamentos, nos relacionamentos, eles não pensaram em nada, foi somente pelo mero prazer de jogar a coisa no ventilador, ver respingar para todo lado, sair no Jornal Nacional, por questão de segundos? Se você visse no processo os argumentos da jornalista, da menina, uma coisa tão infantil, tão pequena, que eu não conheço a vida da menina, não lembro nem da cara dela, mas só de ler as coisas que constavam lá, a fala dela... uma pessoa inexperiente, uma pessoa, acho, que nunca passou por uma dor na vida... e mexer com a vida de pessoas assim...<sup>6</sup>

Alguns dos depoimentos pesquisados apontam para casos em que as mulheres tinham direito de ter acesso ao aborto previsto em lei, mas por dificuldade de acesso e inexistência de serviço de referência para recebê-las, terminaram por recorrer à clínica, como aponta o relato abaixo.

Eu conheci uma pessoa e durou dois meses o nosso relacionamento. Aí eu descobri que ele era psicopata e separei. Ele ficou ameaçando a mim e a minha família toda. Ameaçava de matar a minha família, de matar o meu irmão. Ele ia lá, dava tiro no portão de casa... ele foi na minha casa, deu um tiro no cadeado, entrou. A minha filha, na época, estava

<sup>6</sup> Depoimento de uma das mulheres processadas



com 4 anos. Ele me violentou várias vezes. Fisicamente, psicologicamente... Colocava o revólver na minha boca. Eu tinha que ceder, ou cedia, ou ele matava alguém. Fiz vários boletins de ocorrência, mais de 12, mas nunca deu em nada. Atribuo isso ao dinheiro que ele tinha. Eu fiz o aborto por desespero total. Tinha medo de minha filha ficar sem mãe. Agora me sinto humilhada com essa pena<sup>7</sup>.

O estigma do aborto é amplamente reconhecido em pesquisas na área das ciências sociais, principalmente relacionado a processos de saúde e doença. A etnografia lida pouco com o estigma do aborto e o seu impacto negativo na saúde ou na vida das mulheres.<sup>8</sup> A interrupção da gravidez é um procedimento de saúde simples que deveria ser parte das políticas de saúde integrais. Apesar disso, no Brasil, a prática do aborto é considerada crime, sendo permitido apenas nos casos de estupro e violência sexual. A legislação brasileira pune o aborto em seu Código Penal, no artigo 124, com uma pena para a mulher que pratica o aborto de 1 ano à 3 anos de prisão e no seu artigo 125 com uma pena de 3 a 10 anos de prisão. Estima-se que, apesar de ser crime, ocorrem por ano no Brasil um milhão de abortos.<sup>9</sup>

O estigma associado a criminalidade associada ao procedimento leva a que as mulheres e profissionais de saúde recorram ao procedimento em situação de clandestinidade. Neste trabalho nos interessa, particularmente, analisar o estigma relacionado a criminalização do aborto e o seu impacto nas várias dimensões da vida das mulheres: pessoal, familiar, profissional e social.

A partir do marco dos direitos humanos sexuais e reprodutivos, adota-se uma perspectiva de promoção da igualdade formal e substancial entre homens e mulheres em todas as dimensões de sua existência, como a auto-determinação sexual e reprodutiva<sup>10</sup>, sem discriminação, coerção ou violência.<sup>11</sup> Neste trabalho, partimos do pressuposto que a capacidade das mulheres de exercerem os seus direitos está determinada pelas dimensões privada e pública da sua vida social. A dimensão privada está relacionada à forma como as relações de gênero estão desenvolvidas no âmbito do casamento e relações familiares, se a mulher tem ou não poder de tomar decisões sobre a sua vida privada, sexual e reprodutiva. A dimensão pública está determinada pela existência de condições favoráveis para que a

<sup>7</sup> Depoimento de uma das mulheres processadas

<sup>8</sup> Kumar A. et al, Conceptualizing abortion stigma, Culture, Health and Sexuality, Vol. 11, No. 6, Agosto 2009, 625-639.

<sup>9</sup> Adesse, Leila e Monteiro, Mario. 2007. Magnitude do aborto no Brasil: aspectos epidemiológicos e sócio-culturais. IPAS Brasil/IMS/UERJ. ([http://bvsm.sau.de.gov.br/bvs/publicacoes/magnitude\\_aborto\\_brasil.pdf](http://bvsm.sau.de.gov.br/bvs/publicacoes/magnitude_aborto_brasil.pdf))

<sup>10</sup> Sobre os direitos humanos relacionados à auto-determinação sexual e reprodutiva ver Rebecca J. Cook, Bernard M. Dickens e Mahmoud F. Fathalla, Saúde reprodutiva e direitos humanos, integrando medicina, ética e direito, Cepia, 2004.

<sup>11</sup> O parágrafo 7.2 do Programa de Ação do Cairo estabelece que: a saúde sexual e reprodutiva implica que as pessoas têm capacidade de ter uma vida sexual satisfatória e segura e que elas têm capacidade de se reproduzir e a liberdade de decidir se, quando e como o farão.



mulher possa exercer os seus direitos, em liberdade e sem opressão ou violência, desde que o Estado promova as condições sociais, econômicas e políticas para que as mulheres possam ter acesso à saúde, educação e trabalho digno de forma a decidirem autonomamente sobre os seus projetos de vida.<sup>12</sup>

A hipocrisia social que perpassa o discurso público e o seu impacto na saúde e nas vidas das mulheres processadas agravam o sentimento de isolamento que as mulheres vivenciam.<sup>13</sup> O sentimento de isolamento é produto do estigma, entendido como um sendo um atributo negativo creditado às mulheres que buscam interromper a sua gravidez, que as marca interna ou externamente, como sendo inferiores ao ideal de maternidade legitimado socialmente.<sup>14</sup>

A mídia tem contribuído para reforçar o estigma social quando noticia casos como os de Mato Grosso do Sul, sem se preocupar em adotar atitudes éticas e responsáveis, bem como com as consequências de suas coberturas jornalísticas nas vidas das milhares de mulheres investigadas pelo crime de aborto. A ação da polícia é outro elemento constitutivo que alimenta o estigma social relacionado ao aborto. Durante a operação policial foram apreendidos 9.862 prontuários médicos. As fichas ficaram anexadas ao processo criminal e acessíveis à curiosidade popular por quase três meses, violando expressamente os princípios constitucionais da privacidade e intimidade das mulheres<sup>15</sup>.

<sup>12</sup> Galli B., Direitos Reprodutivos: Direitos Humanos em Disputa, em Direitos Humanos no Brasil 2009, Rede social de Direitos Humanos 2009.

<sup>13</sup> Human Rights Watch. 2010. A state of isolation, Access to abortion for women in Ireland, New York, Human Rights Watch.

<sup>14</sup> Ver nota 8.

<sup>15</sup> Além do Código de Ética Médica, Artigo 102, dispor sobre o segredo médico, o artigo 154 do Código Penal

<sup>15</sup> estabelece o sigilo profissional, igualmente com o objetivo de preservar a privacidade e intimidade dos pacientes.



## *Pálidas por lembrar suas dores. Belas em reviver sua resistência*

Ter entrevistado, fotografado e convivido por um tempo curto, mas intenso, com essas mulheres, ter ouvido delas o relato de parte de suas vidas, ter partilhado seus depoimentos, foi uma experiência emocionante, um desafio e um aprendizado imenso. Combinamos perder o medo do ridículo e buscar imagens que, em um tempo mínimo, pudessem transparecer dignidade, beleza, sensualidade, força, leveza e, ao mesmo tempo, denunciarem as injustiças que sofreram. Por isso, mergulhamos na busca de expressões fortes, mas que preservassem o anonimato de cada uma, o direito à privacidade.

Era como uma em várias. Nas suas individualidades, não podiam ser reconhecidas. Eu fotografava, mas elas tinham liberdade para apagar tudo o que não estivesse de acordo com a forma como gostariam de se mostrar, destruir qualquer imagem que facilitasse o seu reconhecimento. E também qualquer imagem que não refletisse a sua beleza, sua dignidade, sua vontade. Que não revelasse seus valores e não respeitasse seus segredos.

Que mistérios maravilhosos tem o universo feminino que me permitiram, como aprendiz, caminhar um pouco em cada história dolorosa e injusta, em cada opção transgredida, em cada sonho perdido. Na busca de luzes, expressões e histórias, fui sugado às profundezas de almas lindas, Não consegui entender tanta dor, tanta resistência e tanta insistência em ser feliz; não consegui entender o mistério que envolvia aquelas mulheres, mas consegui entender a vida que baila com elas, que canta, encanta e suplanta qualquer lógica.



Escutar esses depoimentos foi como repensar o mundo repressivo do poder machista de redução das mulheres. Fotografei mulheres pálidas por lembrar suas dores, mas belas em reviver sua resistência, pois, paradoxalmente, seu medo as torna corajosas.

Conheci e fotografei outras mulheres que não estão nesse livro: mulheres que colhem açai subindo com rapidez e elegância em árvores enormes, mesmo depois de terem tido cinco filhos; mulheres quilombolas, trabalhadoras rurais, mulheres encarceradas, fotógrafas, médicas, garis, jornalistas, mulheres que me contaram outras histórias, de trabalho, dor e amor. Todas se pareciam com essas mulheres do livro.

Fotografando essas mulheres no Mato Grosso do Sul, condenadas por terem optado, um dia na vida, muitos anos antes de serem processadas, por fazerem um aborto, aprendi a escutar sobre os cuidados pela vida e entendi, claramente, que se o homem trouxesse, em sua natureza, o milagre de engravidar, gerar e parir, o aborto não seria crime nesse país.

As leis são machistas quando tratam das mulheres e falam do aborto. Ninguém fica feliz com um aborto. Sofremos nas perdas e nossas vidas não foram feitas pras perdas, embora percamos tanto na busca da justiça, da alegria e da felicidade.

Criminalizar o aborto transfere o direito do corpo da mulher à lei e ao querer do homem. Não resolve.

João Roberto Ripper



# Parte I





## *A angústia de Maria Luisa*

Eu acho que existe um livre-arbítrio, e que cada um vai pagar, de acordo com os seus atos, então, o Estado, em vez de punir, de incriminar, deveria dar apoio, de ajudar. A política de planejamento familiar não funciona no Brasil. Então, eles não podem cobrar por uma coisa que não funciona. Eles não podem cobrar por uma coisa que eles não oferecem.

“Eu tenho uma filha de 14 anos e, na época em que eu engravidei da minha filha, eu estava tomando remédio, anticoncepcional, e mesmo assim eu engravidei. Estava namorando uma pessoa, não era bem um namoro, era um conhecimento ainda, e fui a essa clínica para colocar um DIU. Lá, eles pediram para que eu fizesse alguns exames. Fui chamada até a sala da psicóloga e ela me disse que eu estava grávida de três semanas. Na hora eu fiquei desesperada. Minha filha tinha três anos na época. Eu sou mãe solteira, crio ela sozinha, então, para mim, foi um desespero, mais uma criança. Como que eu ia fazer? Trabalhava, estudava na época, mas não tinha condições de criar mais um filho. Aí eles me apresentaram essa possibilidade. O pai ficou sabendo, mas não participou em nada. Ele não opinou em nada, nem que sim, nem eu não. Nós nos separamos acho que quase imediatamente. Ele nem incentivou e nem foi contra. A gente, neste momento, se sente tão fragilizada, quer ter alguém segurando na mão pelo menos, né? Mas eu fui sozinha e decidi sozinha também. A gente sempre espera uma reação do pai da criança, porque estamos envolvidas num relacionamento com uma pessoa, e esperamos proteção, pelo menos. Eu fui sozinha. Ninguém mais ficou sabendo. Tem uma pessoa que sabe, porque quando eu fui intimada, quando eu recebi a intimação em casa, eu fiquei desorientada, não sabia o que fazer. Aí eu fui até um amigo e contei a história para ele, e ele me acompanhou, inclusive, no depoimento da polícia.





Antes, eu sabia dos processos, estava acompanhando, aí eles falaram até que eram em torno de 20 mil fichas, que 10 mil tinham sido excluídas... Eu fiquei meio que acompanhando, mas a gente não acha que vai acontecer com a gente. Eu tinha muito medo. Moro com a minha filha e com a minha mãe. Cuido da minha mãe, que já tem 74 anos. Cuido dela. Você sabe que uma coisa que me chamou bem a atenção foi o cuidado que eles tiveram, desde o oficial de justiça, o policial que me entrevistou, até o juiz mesmo que me julgou. Eles tiveram um cuidado especial. O oficial me ligou antes, perguntou se podia ir, a que horas ele podia. O policial lá também me tranqüilizou bastante. Ele disse que iria correr um julgamento, mas não chegar a uma prisão. Mas só o fato de que você vai prestar um depoimento, que você vai a julgamento... volta tudo na sua cabeça, tudo o que você passou, é complicado.

Eu fui prestar depoimento na polícia. Fui à defensoria, na época. Eu procurei matéria na internet, que me levou a uma pessoa daqui de Campo Grande, que tem um escritório. Eu liguei lá e eles me encaminharam para a defensoria. Ele me recebeu, me orientou, me tranqüilizou bastante. A opção pelo acordo foi uma decisão minha. Ele me apresentou as duas possibilidades. Falou: “Você pode tanto fazer o acordo, como continuar”. Mas acho que dar continuidade a isso não tem sentido, é uma coisa constrangedora até de falar. Porque eu ia ter que ir novamente nos tribunais, novamente passar por tudo aquilo, novamente prestar depoimento, mas foi uma opção minha. O acordo prevê que eu tenho que, durante dois anos, ir lá no fórum e declarar que eu estou na cidade e que estou fazendo uma atividade lícita, como qualquer outra pessoa que comete um crime. Não presto serviço comunitário. Isso foi uma condição que o defensor apresentou de que eu não tenho como prestar serviço comunitário - eu trabalho, eu estudo, eu tenho a minha família para cuidar. Presto serviço comunitário como uma cidadã comum, mas não obrigatoriamente. Eu acho que existiram algumas falhas aí, nessa questão de pena, porque eu já fui punida demais, por causa disso. Só o fato de você passar por aquilo, por aquele trauma, porque é um trauma... Não que eu seja totalmente a favor do aborto, mas era um caso em que eu não tinha saída. Não é também assim: “Hoje eu vou sair com alguém, não vou me cuidar porque amanhã eu posso fazer um aborto”. Não é assim também, mas era uma situação extrema para mim.

Não me arrependo. Não é uma coisa que eu faria hoje, porque hoje eu já tenho uma estabilidade emocional, já tenho mais base. Mas se eu tivesse passando por aquela situação, eu faria do jeito que eu fiz.





Não tive medo de as pessoas ficarem sabendo, em geral, mas eu tenho uma filha que está formando o caráter dela agora. Não é uma coisa que eu gostaria que a minha filha fizesse, sinceramente. Então, ela se baseia em mim porque eu sou o único foco dela. De repente, se a minha filha fica sabendo que eu fiz um aborto, ela vai achar que isso é normal, que ela pode fazer também, e eu não gostaria que isso acontecesse, mesmo por causa do trauma. Mas em relação às outras pessoas ficarem sabendo, eu não tenho medo não, mas a minha família, sim. A minha família é muito rígida e eu acho que é uma coisa tão pessoal minha que eu acho que ninguém precisa ficar sabendo. Vai ser um sofrimento para eles também, toda essa questão, todo esse envolvimento de justiça, de crime, então, eu acho que não compensa.

Estou começando a cumprir este mês essa pena. É recente. Eu acho muito injusto isso do julgamento porque eles cobram da gente uma postura com a sociedade. Na época que teve essa intimação, eu estava desempregada, como eu já disse, eu tenho uma filha e tenho a minha mãe, então, chegaram épocas na minha casa que a gente não tinha muita coisa, e a sociedade não se preocupa muito com isso. Daí, chega uma opção que eu tenho que fazer na minha vida, com o meu corpo, e aí eu tenho que prestar satisfação à sociedade. E é uma sociedade que me condena e que me dá o que em troca? Eu acho que existe um livre-arbítrio, e que cada um vai pagar, de acordo com os seus atos, então, o Estado, em vez de punir, de incriminar, deveria dar apoio, de ajudar. A política de planejamento familiar não funciona no Brasil. Então, eles não podem cobrar por uma coisa que não funciona. Eles não podem cobrar por uma coisa que eles não oferecem. Você cobra aquilo que você dá, se você dá alguma coisa para a pessoa, você pode cobrar aquilo dela, mas não oferece nenhum tipo de... Tem muitos programas, mas não são divulgados, não é acessível às pessoas que precisam. Principalmente, as pessoas de poder aquisitivo bem menor. Eu acho que eles têm que fazer chegar mais para essas pessoas, esse planejamento familiar, para poder depois cobrar, sei lá, de alguma forma, que não seja tão dramática. Eu não fui à clínica procurando, eu não procurei para fazer aquilo...

Na verdade, eu sei que essa minha decisão de não acionar o pai não é a mais acertada, mas eu quis evitar mais trabalho, mais constrangimento para mim. Porque hoje ele tem uma família, e aí ia gerar um monte de outras coisas que eu acho que não valem a pena, eu não quero passar. Muito da culpa disso é das mulheres mesmo que não correm atrás, não buscam, que não fazem valer, mas é também de uma sociedade... porque parece que a mulher tem que ser submissa, que a mulher é culpada de tudo. Não sei se foi feita por alguém, porque foi tão bem elaborada ali, que não pode se mexer nela, né? Mas eu acho





que tem alguns conceitos que têm que ser revistos, que são fundamentais. Mas eles (a Justiça) usam o emocional. “Ah, você quer que o seu parceiro seja procurado também?” Você está passando por tudo aquilo ali, se você tem um pingão de humanidade no seu coração, você não vai querer que a outra pessoa passe.

Engraçado que eu li, na época, quando eu estava procurando ajuda, de alguma entidade que pudesse me amparar, me ajudar, me orientar, porque eu estava totalmente perdida. Eu li uma reportagem que intitulada “Mães monstros”, que falava justamente dessa clínica. Aí eu li a reportagem e falei: “Meu Deus do céu, eu sou essa mãe tão monstro assim, será?” Eu até conversei com a minha filha depois. Nós somos mais amigas do que mãe e filha. Logicamente, na hora de ser mãe, eu sou mãe, mas eu sou mais amiga do que mãe. Aí eu falei: “Filha, como você acha que a mamãe é, o que você acha da mamãe”? Ela falou assim: “Mãe, todas as minhas amigas falam para mim que queriam ter uma mãe como você, que você conversa, que você recebe as minhas amigas em casa, que você é presente na escola.” Eu disse: “Será que eu sou tão monstro assim mesmo?” Então, essa visão sobre as mulheres que fazem aborto eu queria que as pessoas pensassem um pouco, porque não é só um momento, só aquele ato; é a sua vida, é o momento que você está vivendo ali de desespero, porque eu fiz aquilo num momento de desespero. Então, que se coloquem mais no lugar dessas pessoas antes de julgar.”





## *O medo de Beatriz*

Eu não podia procurar um serviço para fazer o aborto legal. Eu não podia porque quando isso aconteceu eu já tinha uns 12 boletins de ocorrência e nenhum foi resolvido.

“Eu conheci esta pessoa, tive um relacionamento de dois meses, e aí percebi que ele era psicopata. Não foi um sofrimento só meu, foi um sofrimento da minha família toda e eu nunca tomei pílula, porque eu sempre fui muito regulada, tanto que o dia em que eu quis fazer a minha filha, que tem 15anos hoje, eu sabia até a hora em que eu ovulava. Eu nunca tomei remédio, porque nunca pude tomar, e ele sabia que eu não tomava remédio, porque, às vezes em que a gente tinha relação, eu falava: ‘Hoje eu não posso, tem que esperar tal dia eu ovular, depois que eu ovular, agora pode’. Ele sabia de tudo, ele sabia os dias em que eu ovulava e ele me pegou à força. Ele me mordeu inteira, as minhas costas, me bateu. Eu fiz (exame de) corpo de delito, fiz boletim de ocorrência e não aconteceu nada. E aí eu estava grávida, tinha certeza de que eu estava grávida, que eu tinha ficado grávida, recorri a vários métodos caseiros, mas não consegui, usei Citotec, comprei no Paraguai e não deu certo. Aí eu tive que recorrer à clínica. Conhecia a clínica de passar em frente. Eu não conhecia. Aí eu recorri, uma amiga minha falou que lá fazia e eu fui lá.

Eu me separei do meu ex-marido, o pai da minha filha, ela tinha 1 ano e 4 meses, depois eu conheci essa pessoa e durou 2 meses o nosso relacionamento, e aí eu descobri que ele era psicopata e separei. Ele ficou ameaçando a mim e a minha família toda. Eu me separei dele e isso aconteceu um ano e pouco depois. Ele ficou me ameaçando, ameaçava matar a minha família, matar o meu irmão. Aí eu ia encontrar com ele, ou então ele ia lá, dava tiro no portão de casa... ele foi à minha casa, deu um tiro no cadeado, entrou. A minha filha, na época, já estava com 4 anos, quase 4 anos... e para a minha filha não ouvir, porque ela estava dormindo, eu abri a porta. Ele sempre fazia isso e foi em um desses dias que



aconteceu. Durante esse um ano e meio, ele me violentou várias vezes. Infelizmente, dessa vez eu ia ovular. Uma vez ele deu uns tiros na casa da minha avô, eu estava escondida, mas ele me achou lá... Foi antes desse estupro, uns dias antes. A sorte é que a minha avó não estava e nem a minha mãe. Já eram bem de idade, mas a casa estava cheia de criança.

Fiz boletim de ocorrência várias vezes, mas nunca aconteceu nada e eu atribuo isso ao fato de que ele tinha dinheiro. Era uma pessoa conhecida. Tanto que quando... a primeira vez que houve a violência comigo, que o meu pai chamou o advogado para puxar a ficha dele, a ficha dele ia como daqui até a rua. Quando ele percebeu que foi puxada a ficha dele, passado um mês, não tinha mais nada. A ficha estava limpa. Não tinha nada, podia puxar. Nós só tínhamos as ocorrências na ficha dele, porque o advogado tinha feito o processo e guardou. Ele era pecuarista. Na época, eu acho que eu tinha 36 e ele devia ter 38, 39 anos.

A minha família só ficou sabendo de tudo bem depois, porque eu escondia deles. Mas depois começou a violência muito grande, e aí eles começaram a ver também. Ele começou a ficar violento com eles também, e não teve jeito. Não tinha o que fazer. Fazer o quê? Eu tinha que ceder, ou cedia, ou ele matava alguém.

Ele foi assassinado. Não ficou sabendo do aborto. Não, de jeito nenhum, se ele soubesse (...) ele era o primeiro que ia me entregar para a polícia. Ele nunca ficou sabendo disso. Eu não conheci outras mulheres que ele violentou, mas ele me falou uma vez que matou a mãe do filho dele, e por que não me mataria?

Fui muito bem atendida na clínica. Não conversei com a médica, conversei com uma enfermeira, eu estava tão desesperada para fazer, porque eu já tinha tomado aquele monte de remédio. Como ia nascer essa criança, vinda daquela situação, entendeu? Então, eu fazia qualquer negócio. Eu não conversei com a médica, foi uma enfermeira que me atendeu, depois foi a médica que foi lá na hora e que eu estava na mesa já. Fui eu que paguei, ninguém ficou sabendo.

Não contei para a minha família que eu fiz isso, não. A única que sabe é uma prima minha que me levou e depois me pegou, só ela, mais ninguém. É uma situação de desespero total. Desespero. Eu sabia, eu já tinha uma filha, eu sabia que aquela gravidez era a minha morte. Ele ia me fazer prisioneira dele e ia me levar embora daqui, porque ele tinha uma fazenda na Venezuela. Eu tinha certeza disso. Optei pelo aborto também por medo da minha filha ficar sem mãe.

Não conheci a família dele, porque foram só dois meses que eu me relacionei com ele, não conheci, nem quis também. Às vezes em que eu o encontrava, depois desses dois meses, era assim... sob ameaça. Mas na clínica eu fui muito bem atendida. Excelente atendimento, muito limpo.





Eu tinha direito a fazer o aborto legalmente, mas, neste caso, eu fiz o boletim de ocorrência, aí, se confirmasse que eu estava grávida, ele ia saber e aí a minha vida... Eu não podia procurar um serviço para fazer o aborto legal. Eu não podia porque quando isso aconteceu eu já tinha uns 12 boletins de ocorrência e nenhum foi resolvido. Se eu confirmasse a minha gravidez, eu já tinha feito o (exame de) corpo de delito, se confirmasse a gravidez, tudo bem, talvez eu recebesse essa... mas ele ia impedir, ele não ia deixar. Ele ia me pegar, me levar daqui, me matar, sei lá. Tinha violência, tinha revólver na boca, ameaça com arma.

Ele era uma pessoa extremamente gentil e extremamente violento. Ele era totalmente desequilibrado. De repente, ele ficava assim...ele pegava o revólver, apontava para a minha cabeça, puxava o meu cabelo, aí ele só parava quando eu chorava. Mas tem vezes que você não consegue chorar, né? Se eu chorasse... sabe aqueles psicopatas de filme, igualzinho. Em casa, na rua, em qualquer lugar, ele era assim, de repente, ele ficava possuído. Antes, ele era violento também, por isso que não deu mais, o meu pai percebeu. Ele me fez de prisioneira. Ele me batia, batia na minha filha com dois anos e pouco... Depois que eu fiz esse aborto, ele ainda ficou uns dois anos, acho. Ele continuou fazendo essas mesmas coisas. Fui violentada de novo, depois de novo, outras vezes. Mas não engravidei de novo, graças a Deus.

A minha família percebeu depois, mas, graças a Deus, ele morreu logo. Eles perceberam porque eu cheguei várias vezes roxa. Eu passava de manga comprida, tapava tudo, mas uma vez eu esqueci, e estava sem blusa, e esqueci de fechar a porta do banheiro. O meu pai passou e viu as minhas costas roxas, e ele veio, aí foi que ele descobriu... que eu falei para eles. Meu pai ficou muito triste, na época ele tinha uns 70 anos, por aí. Ele chorou, ficou muito triste.

É uma injustiça o que fizeram com essa médica, ela veio a falecer, eu acho uma injustiça muito grande, não só pelo problema, no meu caso, foi um problema para eu fazer isso, mas eu acho que a mulher tem o direito de optar. Porque acontece, não é falta de prevenção só, às vezes, acontece. E se a pessoa não quer, para que ter? Eu acho muita hipocrisia, muita criança jogada na rua, cadê a preocupação? Cadê a justiça? Eu não sou contra ter uma clínica de aborto, porque, se não tiver, as pessoas vão procurar no fundo do quintal, onde morrem milhões de pessoas, de mulheres.

Quando eu recebi a intimação foi uma coisa terrível, porque eu tenho uma clínica de estética, o policial parou o camburão na frente da minha clínica, cheia de gente, entrou lá. Falaram que eu estava ocupada, que não podia atendê-lo, ele ficou sentado dentro da clínica, parecia que estavam procurando uma bandida. Foi uma coisa horrível.

Eu já sabia que essas mulheres estavam sendo chamadas, mas como já fazia tanto tempo, já quase 10 anos, mais de 10 anos, eu pensei que eu não fosse ser chamada. Isso foi





no ano passado, no mês de agosto, acho. O meu atual marido não sabe, graças a Deus não. E também não sabe dessa sua situação em relação a esse outro homem.

A minha mãe estava na clínica na hora. O policial me tratou mal, ele falou que eu tinha que assinar, falando alto dentro da clínica com o camburão parado na porta. Ele, todo uniformizado. Ficou uma hora me esperando, sentado, e chegando gente. Era um policial. Na delegacia o tratamento foi ótimo, o rapaz que me atendeu foi excelente, maravilhoso. Ele falou que eu só falasse o que eu quisesse, se eu não quisesse falar nada, eu não falava. O juiz foi muito educado também. Eu procurei o defensor público. Ele me atendeu muito bem. Foi tudo muito rápido...

São dois anos de pena. Eu tenho que assinar todo mês. Se eu me ausentar, tenho que avisar. Eu me sinto humilhada com essa pena. Ninguém sabe desse processo. Só eu mesma que sei. É muito constrangedor ter que ir lá assinar todo o mês. Medo de alguém me ver indo lá e querer saber por quê. É horrível, medo de encontrar algum parente do meu marido, ou uma amiga, ou algum conhecido. É horrível.

Eu nem cogito a possibilidade de contar para ele, sabe por quê? Eu deveria ter contado quando eu conheci, quando nós começamos a nos relacionar, eu deveria ter contado. Como já faz seis anos e eu não contei... é complicado. De repente, se ele me chegasse com uma coisa meio grave e omitir esse tempo todo e me contasse agora, talvez eu não perdoasse, não é? Então eu tenho medo. Pode ser que não, mas pode ser que sim.







## *A escolha de Laura*

Eles foram autoritários, foram arbitrários quando entraram na clínica. Entraram e pegaram documentos, fichas de todo mundo. As que acharam conveniente tiraram, filha de governador, filha de senador, esconderam...

“Estou me sentindo pressionada com esse processo. É como se estivesse voltando um pesadelo de muitos anos atrás. Porque não é simplesmente você fazer o fato e... eu pensei que tinha esquecido, tinha abafado, fase nova na minha vida, né? De repente, depois de oito anos, ser indiciada por isso pra mim foi bem chocante, bem traumático. Afeta muito a minha vida pessoal porque além do transtorno de ser..., de estar tendo que responder um processo, o caso é muito polêmico. A sociedade condena muito. A pessoa não sabe o que você passou para estar nessa situação. O que te levou a fazer isso. E toda vez que se fala nesse assunto eu já fico nervosa. Quando passa a manchete no jornal, das manchetes do que vai ter no outro dia, no jornal da cidade aqui, eu fico preocupada já. Aí já fico desesperada, fico nervosa, tenho que comprar o jornal no dia seguinte pra ver o que vai estar falando. Tem sido assim, todos os dias.

Na minha casa ninguém sabe do processo. Ninguém sabe porque na época em que aconteceu, há oito anos, já foi um problema muito grande. Minha mãe, o estado emocional dela se alterou muito naquela época. Então agora ser chamada de novo pra falar sobre isso, eu preferi não falar, me resguardar. Quando tiver resolvido eu vou contar pra ela. Minha mãe, inclusive, falou, tocou no assunto, ela: “Olha, eu vi o caso da doutora, foi chamado todo mundo. Você provavelmente vai receber.” Eu falei assim: “Não, vou nada, faz muito tempo, né?” E na verdade eu estava respondendo. Então eu tive que sair pela tangente para evitar falar sobre esse assunto. Mas saber, saber, ninguém sabe não. Não tenho o apoio de ninguém em casa.





O que me levou a fazer foi o seguinte: eu era muito jovem e já era mãe de uma criança recém-nascida. Por descuido meu... fiquei grávida novamente... e resolvi, optei por interromper a gravidez, tendo em vista que eu estava com meu companheiro na época por pressão da família, então, eu não queria persistir numa relação que não ia dar certo, na qual iria ficar amarrada por meio de filho, não achava justo ter mais um filho que os pais estariam separados e que uma filha só que eu já tinha poderia ter boas condições de criar sozinha. Durante essa gestação que foi interrompida, o médico viu, através de ultra-sonografia, que o feto era anencéfalo e tinha problemas de má-formação. Foi categórico quanto à sua perspectiva de vida, que provavelmente iria nascer e sobreviver por pouco tempo, ficar na UTI neonatal, ou ofereceria risco também para mim durante a gestação. Com toda a minha situação de vida e a pouca condição de vida do feto, optei por não ter. Como aqui era de fácil acesso encontrar essa clínica, tinha que passar por uma psicóloga na clínica dela e acertava, então não tinha porque recorrer ao meio judicial, ainda mais porque ia ser demorado.

Fui sozinha, porém tive o apoio do meu ex-marido. Na época tive que pagar cerca de R\$ 3.000,00, era uma clínica muito chique, localizada em uma área nobre, aparentemente segura. No momento em que tudo voltou à tona, quem sabe são meus amigos mais próximos e os advogados que estão me apoiando.

Procurei o Centro de Defesa dos Direitos Humanos, porque, assim que resolveram investigar o caso, o oficial de justiça foi ao meu local de trabalho me entregar a intimação. Como estava de folga, eles foram na minha casa. Quando recebi a intimação, insisti bastante e ele acabou falando: “É o caso da Neide, compareça lá para prestar depoimento.” Aí, nessa ocasião, eu fui procurar a advogada, que dias depois me acompanhou à delegacia, uma situação constrangedora, quando cheguei, todo mundo já sabia do que se tratava: “Ah, você é a menina do negócio? Pode subir, ô fulano, chegou mais uma.”

Então, ficou muito banalizado, todo mundo sabia do que se tratava. Cheguei lá em cima, tinha mais duas moças com as suas advogadas aguardando também. Era muito exposto. Fiquei muito exposta. Eu fui com esta advogada na delegacia. Não dei depoimento nenhum, fui aconselhada a falar somente em juízo, inclusive o agente que colheria o depoimento conversou informalmente, não anotou nada. Deixou a gente ver as fichas da médica, tudo escrito a lápis. Não tem nada escrito... nada formal. Não tem nenhum recibo, não tem nada, só tem as anotações dela escritas a lápis. Comentando o tempo de gestação, o valor, alguma coisa assim. Acreditava que tinha que procurar auxílio de pessoas envolvidas, que se empenham nesta questão da mulher, eu queria procurar a OAB. Mas fiquei





sabendo que a OAB estava contra. Porque eles tinham se unido à Igreja Católica. Então eles não iam me apoiar. Aí eu fui procurar a outra advogada, do CDDH e foi aí que eu tive o apoio dela. Ela tomou ciência dos fatos, viu que eu estava disposta, a única que estava entrando contra, porque todas estavam fazendo acordo. Se eu fosse desacompanhada, ou acompanhada por um advogado com menos empenho, vamos dizer assim, ia acontecer isso, porque eles estão pressionando todas as mulheres que vão lá a fazer um acordo. Elas acabam se julgando culpadas, assinando um termo de culpa e prestando serviços comunitários, ou pagando cesta básica, ou trabalhando numa creche, meio período, atrapalhando a rotina de trabalho delas mesmo, expondo, porque elas vão chegar no serviço e falar: "Puxa, tô trabalhando meio período, sou condenada da justiça por tal motivo." Então elas se queimam no serviço delas, atrapalha a vida particular delas mesmo. Acaba expondo, porque ela vai ter que falar porque que ela está fazendo este serviço. Então é isso o que eles fazem aqui.

Eu acabei procurando esse centro de apoio para ver se eu tinha um outro respaldo, porque era muito difícil, quando via notícias na TV da manchete que seria destaque no jornal impresso do outro dia: "Caso da doutora Neide Mota - mais mulheres foram indiciadas. Vai ter habeas corpus, a OAB não apóia, Ministério Público vai indiciar mais 100." Então toda hora que aparecia uma notícia dessa eu ficava em estado de choque. Eu ficava nervosa, trabalho como motorista de cargas de valores elevados... eu ficava com medo de que, ao trabalhar, causasse um acidente... pois ficava nervosa, tinha que tomar calmantes. Eu ficava extremamente nervosa. Aí eu procurei outros meios, alguém que pudesse ajudar, aí que eu fui até lá. Eu contei o caso para esta advogada, que achou muito interessante, falou que ia falar com um colega dela que trabalhava com direitos humanos, do estado de São Paulo. Aí ele me ligou, se interessou pelo caso, manteve contato por telefone e, semanas depois, o conheci pessoalmente. Graças a Deus, por ter encontrado ajuda.

Estou com 29 anos. A todo momento vejo pessoas correndo risco de morte através da TV, vi um caso de uma mulher que foi atendida às pressas, deu à luz na rua, é o sexto filho da mulher. Aí que eu falo: Não tem uma assistente social, um serviço de políticas públicas que vá até a gestante e converse. Perto daqui é periferia, onde se vê casos extremos, outro dia teve uma menina de onze anos que teve o segundo filho. Onze anos. Aí essa senhora tem 28 anos e é o sexto filho dela. Sexto filho. Eu acho que a mulher tem o direito de escolher. Se está errado ou não, não cabe a gente julgar. E que seja feito esse plano de políticas públicas. Vai lá e conversa com ela. Não são dois filhos vivos e já pode ser feita a laqueadura? O serviço não é gratuito pelo SUS? Falta uma instrução para essas mulheres.





Então, quando a pessoa recorre a isso é porque realmente ela está muito desesperada, não tem alternativa e falar é muito fácil. Só quando está na própria pele para sentir, né? Para falar o que passou... de como que é isso.

Eu vejo como absurdo esses acordos forçados, em que as mulheres têm que ser obrigadas a cumprir. Eu acho que deveria ter mais tato com as mulheres. Um certo cuidado, porque fica exposto, muito exposto. Acho um absurdo elas terem que trabalhar, ter que chegar no serviço delas e falar: "Estou fazendo serviço comunitário." Chega lá para apresentar a pena dela. Puxa, as pessoas não sabem, está correndo em segredo de justiça, chega lá, estoura a bomba. Você corre o risco de perder o emprego, de ficar tachada cruel, irresponsável, negligente. A verdade é muito além.

Houve momento em que o nosso nome ficou exposto, desde o momento em que eu recebi a intimação. Na primeira não estava escrito o motivo. Só para comparecer. A partir daí que eu fui lá e falei que ia falar só em juízo. A partir desse momento, meu nome ficou exposto em todo momento. Entrava no site do fórum aqui, aparecia a causa, o número do processo. Ação movida pelo Ministério Público. Palavras em letras garrafais e negrito: ABORTO. Certa vez, por necessidade do meu emprego, tive que providenciar certidões nada consta estadual, federal, civil e criminal. Na certidão criminal, apareceu escrito. Apareceu ação criminal em trâmite. Com esta palavra em destaque. Apareceu a palavra grande. Entendeu? Eu fiquei desesperada... será que vou perder meu emprego por algo ocorrido há tanto tempo? Tenho que dividir este fato com mais pessoas? Tinha medo de entregar no departamento pessoal e todos comentarem. Tomei coragem, entreguei direto para o meu chefe, que disse: "Olha, ninguém tem nada a ver com isso." Para minha sorte, não me julgou. Porque estava escrito, estava exposta a situação lá. Ainda está exposta. Eu tirei uma certidão em junho, tirei outra certidão em setembro, tirei outra em dezembro, tirei agora em fevereiro e está lá ainda... em todas as certidões que eu tirei estava escrito isso aí. Colocava o nome na internet aparecia a ação, aparecia o motivo. Agora não, agora o advogado entrou com um pedido para aparecer só as iniciais, mesmo assim o nome dos meus pais aparece. Ele entrou com outro pedido para não aparecer também. Porque expõe a família toda. Porém foi negado. Segredo de Justiça? Estão me pré-julgando.

Eu acho que a mulher tem direito de cuidar da própria vida, nos outros países é aceito (o aborto), só aqui no Brasil é que fazem uma hipocrisia, tem muito clandestino. Tem muito na periferia, tem muito. São meninas, são jovens a partir de 11 anos que fazem. A gente conhece muito lugar que faz, então, eu acho que deveria legalizar e não fazer vista grossa para isso. E não é legalizar por analisar a situação, porque é a vida de ambos que corre





perigo. Sou católica praticante. E eu sei do que se trata. Aquele caso que teve agora lá da menina que abortou, teve que se submeter porque estava grávida de gêmeos, não pôde levar a gravidez adiante porque ela ou os gêmeos faleceriam, ou todo mundo faleceria também, então foram, nossa, foi muito cruel, muito audaz na condenação, no “juízo” popular dela. Eles têm que ver o outro lado. As pessoas fazem muita vista grossa, dizem: “Ah, comigo não acontece!”. Acontece sim. Acontece com a sua filha, com a sua prima. Minha mãe mesmo, ela faz vista grossa. Ela costuma criticar: “Ah, porque fulano tirou.” Ela não vê que aconteceu com a filha dela, ela tenta tapar o sol com a peneira. Então, ela deveria ter mais respeito, mais consciência. E, ao invés de acontecer isso, porque só num caso extremo para acontecer isso, antes disso deveria ter a implantação de um sistema de saúde mais eficiente, que possa ajudar as mulheres, que possa ter mais abertura nos postos, para que elas tenham um fácil acesso para que não cheguem a ter que interromper a gravidez.

É mais uma barreira do preconceito agora, nesse assunto. Eles estão sendo autoritários, eles foram arbitrários quando entraram na clínica. Eles entraram e pegaram documentos, fichas de todo mundo. As que eles acharam conveniente tiraram, filha de governador, filha de senador, esconderam; mas lá atende população em geral, desde uma simples doméstica até pessoas de outros estados, de outros países que vinham aqui, que sabiam que a clínica era de nível elevado. Era de luxo entre aspas, tinha um atendimento eficiente e aqui era liberado. Até então liberado. Até que não sei por qual motivo não atendeu a contento A ou B, e aí que estourou essa bomba, mas era muito tradicional aqui. Todo mundo sabia da existência dela, sabia do que se tratava. Devem ter pisado no calo de alguém que foi lá e fez essa apreensão arbitrária e expôs a ficha de todo mundo. Ficou na delegacia. Eu garanto que na delegacia ficou assim: ah, essa daqui é fulana, todo mundo olhando as fichas, conversando, tomando um cafezinho, rindo. Em momento nenhum foi mantido o sigilo, o respeito a essas pessoas. E além de tudo, até hoje eu não fui ouvida, na verdade. Eles não sabem, na verdade, o que eu fui fazer lá. Eu posso ter ido tirar uma unha encravada, não tem prova nenhuma. Ela era médica. O médico está habilitado a atender qualquer parte, qualquer área humana. Então eu acho que a gente ficou extremamente exposta. Não houve respeito em nenhum momento.

Se eu não tivesse agora envolvida nisso tudo, eu não teria o menor problema em expor o meu rosto, expor o nome, nenhum. Porque eu acho que todas têm direito a ser tanto quanto igual, a ter direitos iguais aos homens. O pessoal brinca: “Ah porque é namorada...” Ué, homem faz isso! Homem não pode namorar à vontade? Homem não fala “hoje peguei não sei quem?” Eu brinco com as minhas amigas: porque homem pode? Mulher





também pode. É que o homem não tem esse poder de carregar no ventre uma criança, de gerar uma vida, mas se eles tivessem também teriam a opção de fazer isso, legalmente ou ilegalmente. Eles iriam estar procurando com certeza. Eles já teriam feito movimentos para ter acesso a essa forma legalizada de fazer. Pois eles teriam acesso a serem donos de seu próprio corpo, como eles são na verdade. A gente tem que batalhar para buscar, para tentar se igualar, cada vez mais.

Eu conheço várias pessoas aqui, é uma clínica bem localizada, no centro, clínica grande, como eu falei, de luxo. Então, era rotineiro, várias pessoas muito próximas que eu conheço freqüentaram. Como eu te falei, a primeira advogada minha também já fez, há muito tempo, uma amiga minha fez para garantir um emprego, uma outra colega minha também fez, uma prima minha também já fez. Várias, era muito comum. Para quem tinha acesso, muito fácil. Ela deve ter feito uma coisa muito grande, desagradado alguém muito importante para acontecer isso, para ser cassada, parece aquela época da Inquisição, igualzinho. Parece que as mulheres que fizeram isso são bruxas, são a escória da sociedade. Parece mais ou menos isso aí. É isso o que a gente pensa, é isso o que a gente sente na pele. É assunto proibido, até hoje você falar para alguém disso aí, nossa, cai o mundo, Tem que falar em silêncio, falar baixo essa palavra.”





## *A dúvida de Lorena*

É só a mulher que tem que passar por um processo doloroso, muitas vezes, correndo risco de morte, sabe-se lá em que condições insalubres. Eu tive a felicidade de fazer num lugar decente, e que me trataram como gente, e quantas perdem a vida, quantas não vão poder ser mais mãe, ter filho, não vão poder reconstruir a vida, ter um novo relacionamento, quantas morrem?

“Eu tive um relacionamento com uma pessoa que... eu tinha chegado de São Paulo havia pouco tempo, estive morando fora e no período em que eu estive morando fora eu tive um relacionamento de dois anos. Desse relacionamento, eu tive um filho. Fiquei um tempo morando lá, estudei, trabalhei, a minha família era daqui. Voltei para Campo Grande e, nesse meio tempo, eu conheci uma pessoa, mais madura que eu, separado, estava sozinho, a gente se envolveu afetivamente, pelo menos do meu ponto de vista, eu estava afetivamente envolvida e não estava tomando anticoncepcional. Numa das relações que a gente teve ocorreu da camisinha ficar dentro de mim e eu estava no meu período fértil. Como eu tinha dificuldade pra... achava que não ia engravidar tão cedo, não me importei muito com o ocorrido, não tomei pílula no dia seguinte. Eu já tinha dificuldade para engravidar, demorei para engravidar do meu menino. Fiquei tranqüila. Mas aí comecei a sentir os sintomas, muito diferentes dos do meu menino, porque dela eu não sentia nada, não tinha enjoô, não tinha nada. Com algumas semanas do fato ocorrido, eu comecei a sentir enjoô, muita náusea, fiz um teste de farmácia e deu positivo.

Eu estava morando com os meus pais na época. Havia me separado em São Paulo e vim embora pra cá. Fiquei desesperada, né? A primeira coisa foi comunicá-lo do fato. Eu me surpreendi com a atitude dele, por ser uma pessoa mais velha, que também já tinha um filho, separado, uma pessoa livre e desimpedida. Ele falou assim: “Nós vamos ter que dar





um jeito nessa situação.” Daí eu falei assim: O jeito é a gente assumir, né? Ele: “Como você vai assumir? Mais um filho você vai criar sozinha?” Aí eu perguntei: Eu vou criar sozinha? Foi a primeira coisa que eu assustei. Eu não vou assumir essa criança porque já tenho filho. Ele tem histórico parecido na família, de algum problema genético que eu até nunca entrei muito no mérito da questão; ele disse que não ia arriscar ter um filho de um relacionamento tão curto, acho que tinha dois meses que a gente tinha se conhecido.

Fiquei assustada. Falei: Eu vou ter a criança, eu tô criando uma sozinha, vou criar outro. Vou ter um problema enorme com os meus pais; o meu pai já foi difícil aceitar uma vez isso, mas eu sou livre e desimpedida, eu trabalho, ganho o meu dinheiro, com sacrifício, eu vou dar conta de criar os dois. Estou criando um, vou criar outro. E não quis fazer o aborto. E ele falou assim: “Olha, pensa bem, eu não vou te acompanhar nisso, isso vai gerar um transtorno pra mim, um transtorno pra você; você está chegando agora, está se estabelecendo agora no mercado de trabalho.” Eu falei: Não tem importância, eu vou em frente com isso. E o relacionamento esfriou, nós nos distanciamos durante todo esse tempo. Foi, mais ou menos, um mês e pouco, porque foi muito rápido. Eu engravidei, em seguida já comecei a ter os sintomas. Foi muito rápido. E aí ele me ligava, ligou para a minha mãe uma vez desesperado, eu não estava em casa. Eu estava me sentindo sem chão, mais uma vez passando pela situação de criar um filho sozinha, mas eu estava disposta. E esse rapaz ligou para a minha mãe um dia e conversou com a minha mãe. Minha mãe falou assim: “Filha, ele ligou aqui num tom meio que ameaçador, que ele não vai te ajudar, que ele não vai te dar nenhum apoio... Olha, ele falou horrores. Eu falei: Olha, mãe, eu vou sair da sua casa, vou procurar um apartamento, vou alugar, porque na hora em que meu pai descobrir isso... Meu pai é uma pessoa com mentalidade bem conservadora. Eu falei: Na hora em que o pai descobrir, vai ser um caos. Então, na hora em que ele descobrir, eu já vou estar na minha casa, com a meu filho e com o outro filho.

E eu fiquei firme nesse propósito, sabe? Mas aí a minha mãe começou a falar: “Filha, pensa bem, você já criou um sozinha. Aí, como a minha mãe é uma pessoa que pesa muito, eu comecei a balançar. E mais as atitudes dele, as ligações, a maneira como ele se portava, quando ele ligava pra mim. Aí acabou, não tinha mais carinho, não tinha mais respeito, ele me tratava como se eu fosse uma qualquer que ele tinha conhecido em qualquer lugar, como se fosse uma menininha com quem ele saiu no final de semana e aconteceu. Foi muito ruim pra mim. Ele falava: “Olha, você não pode levar isso em frente, esse filho não tem nada a ver com a nossa história, eu te conheci há dois meses e não sei o quê, eu tenho um filho já de dez anos, dá o maior trabalho, filho só dá dor de cabeça...”



Olha, a pressão foi grande, tanto que até eu comentei com o pessoal que me ajudou no começo: Eu acho tão injusto só a gente ser penalizada, porque não foi uma escolha minha sozinha, tipo eu engravidei e quis me livrar do problema e fui lá e... Não foi assim, sabe? Quer dizer, também eu não engravidei sozinha. Existe a participação, 50%... Um filho não estava sendo gerado no meu ventre porque eu quis sozinha. É uma coisa que ele participou e de certa forma eu me senti muito humilhada quando chegou aquela cartinha para eu comparecer, sozinha. E eu não fiz aquilo sozinha.

Eu até queria ter o bebê, mas na hora em que eu me vi totalmente sozinha, aí me deu um pânico e foi muito rápido que eu consegui o local que fazia o procedimento. Me falaram num dia, no outro eu já fui. Minha mãe fez aborto também e eu não sabia. Ela me contou. E do meu próprio pai, com o consentimento do meu pai. Seria um filho mais novo que eu. Ela se sente bem resolvida com isso, porque meu pai apoiou, eles estavam numa dificuldade financeira na época, eles tinham recém mudado pra cá, o casamento não estava bem. Minha mãe falou assim: “Filha, você acha que você é primeira? Você acha que você vai ser a última? Eu fiz isso também e muitas outras também já fizeram.” Eu disse: Eu sei, mãe, mas eu queria tentar. E ela falou: “Mas é muita coisa pra você sozinha.”

E ela falou: “Se você quiser, a mãe está aqui pra te apoiar no que eu puder, mas se também não quiser ir com isso até o fim, eu também estou te apoiando do mesmo jeito.” Isso foi o que me confortou.

Eu não tinha dinheiro na época. Ele se virou do avesso, emprestou dinheiro. Ele ligou, pressionou, eu falei: Tudo bem, vai ser do jeito que você quer. Só que eu quero segurança, não vou fazer em qualquer lugar, eu vou procurar um lugar decente para eu fazer isso, que me dê condições de sair viva, porque, como você mesmo disse, eu tenho já um pra cuidar e meus pais são de idade, eu não posso pôr a minha vida em risco. Ele falou assim: “A gente vai ver o melhor lugar.” Aí me indicaram essa clínica. Me indicaram no meu local de trabalho. Havia uma colega que disse que tinha uma colega que tinha feito. Ela disse que foi lá e foi bem feito o negócio, caro, mas com segurança. Aí eu falei: Então é lá mesmo. Liguei pra ele, passei o preço, acho que na época eram 1.800,00 reais.

Eu levantei cedo, passei na clínica, já tinha feito, na verdade, uma entrevista para saber o preço. Esqueci desse detalhe: a gente vai um dia antes, faz uma entrevista, aí eu viajei, tive que resolver algumas coisas em São Paulo, voltei e fui fazer o procedimento. Aí, de manhã, eu passei antes de ir para o meu trabalho, eles puseram o comprimido dentro do meu colo do útero e eu fiquei o dia inteiro trabalhando. No final da tarde, eu me internei na clínica e aí eles dão anestesia na gente. Eu não vi mais nada. Só sei que quando eu acordei, estava já





num quarto, super limpo, aconchegante, parecia um quarto de hotel. E acordei com uma enfermeira muito carinhosa, conversando comigo. Era uma situação muito dolorosa pra mim. Em todo o momento, eu sempre fui muito bem tratada na clínica. Ela me acordou, passando a mão no meu braço e perguntando se eu estava bem. Ela falou que estava tudo bem, que tinha sido tudo bem e que eu só ia esperar um pouco para ter alta e ir para casa. Perguntou se eu queria alguma coisa e eu disse que estava com fome. Eu achei tão aconchegante, ela chegou com uma xícara de leite pra mim e com bolacha de água e sal. Aquilo, pra mim, eu comi aquilo, estava me sentindo tão humilhada, vocês não têm noção. Mas eu me senti acolhida por eles, pela atitude. Eu achava que ia ser uma coisa: paguei, fez o procedimento, tchau. E não foi. Porque até eu sei o que acontece dentro de um pronto-socorro quando uma mulher chega porque provocou um aborto. Então, o tratamento para essas mulheres é um horror, principalmente, se eles percebem que a mulher provocou ou coisa parecida. Isso eu falo porque eu sei mesmo o que estou dizendo, por trabalhar na área. Eu sei, porque já vi, já presenciei. “Essa daí tá aqui porque tentou aborto...” Lá eu fui tratada como gente. Ela falou assim: “Você fica aqui até a hora em que você se sentir bem, até você conseguir se levantar, se você não conseguir, aperta a campainha e eu venho e te ajudo.” E eu queria tomar um banho, vestir a minha roupa e ir embora. E esquecer que aquele dia aconteceu na minha vida. Na clínica, nunca fui maltratada, discriminada. Fui bem tratada desde a pessoa da limpeza que estava lá até a doutora – eu vi pouco, antes da anestesia, eu só escutei a voz dela, porque ela estava paramentada já. Eu a vi de relance, em seguida fui anestesiada e já não lembro de mais nada. Então, isso eu não vou esquecer nunca, da maneira como eu fui tratada. Eu me senti gente. Eu estava muito mal, muito mal, me sentindo muito mal, mas ali eu fui tratada como gente. Então, quando eu vi o processo, li a declaração dos jornalistas que denunciaram – eu não estou pondo em questão aqui o caráter de ninguém, da doutora -, mas a maneira como ela se defendeu lá deles, criticando também... acho que só sabe mesmo quem esteve lá o trabalho que essa mulher fazia por quem tinha condições de pagar, infelizmente; eu paguei, eu fui bem tratada, mas pra mim foi importante isso.

Agora eu voltei à Igreja. Fiquei um tempo afastada, conheci o meu esposo, casei.

Aconteceu na época da Copa, junho, julho. E aí em agosto, eu conheci o meu esposo, mas a gente não teve nada, fomos amigos no início e depois de um tempo a gente começou a namorar. Então, tudo começou muito rápido. Como a gente desenvolveu um relacionamento, primeiramente de amigos, eu procurei não esconder isso dele. Eu fiz questão que ele soubesse porque era uma dor que eu estava sentindo, era algo que me entristecia e eu



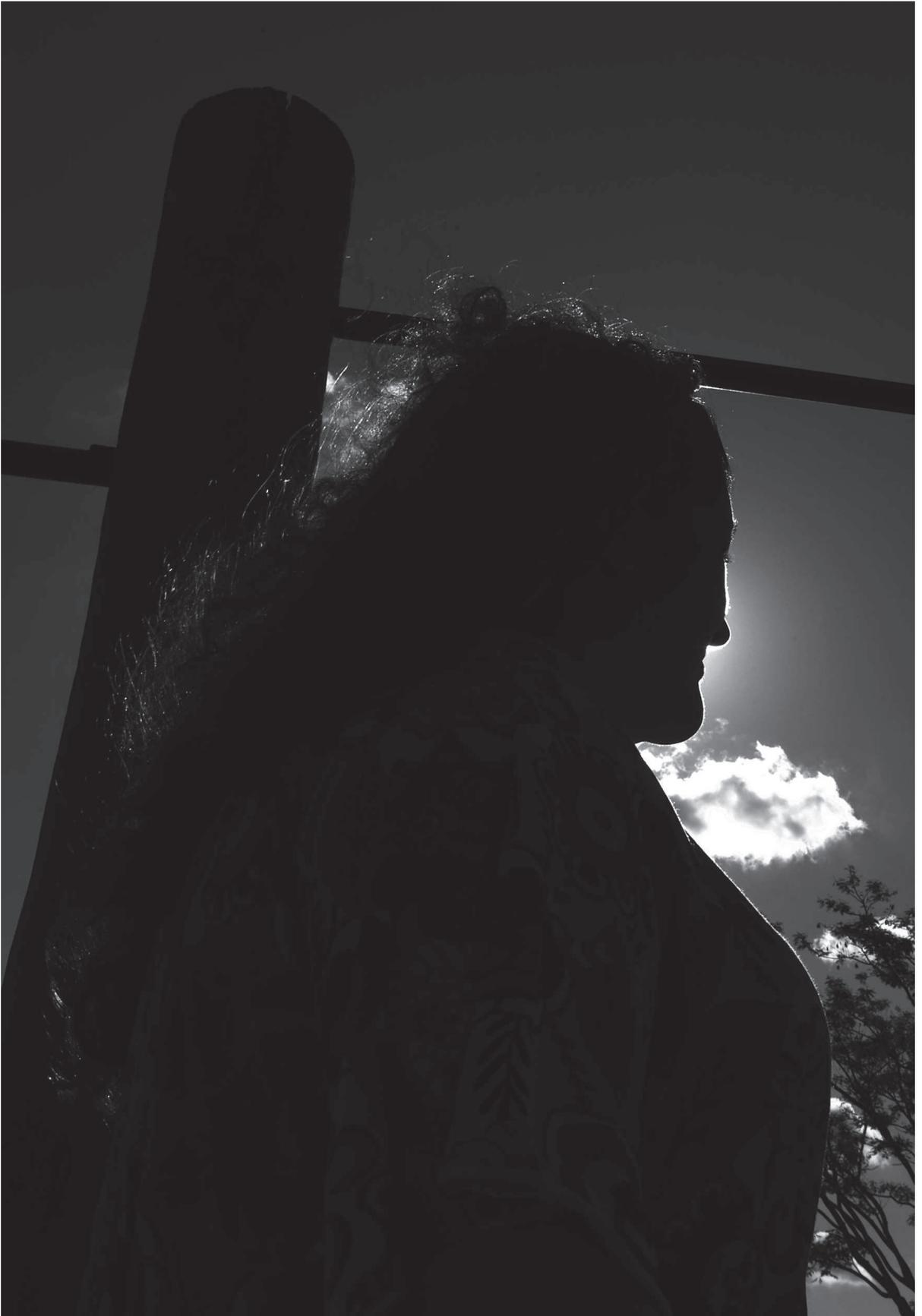
sou muito transparente, se a pessoa convive comigo, vai perceber que tem alguma coisa que não está bem e eu não conseguiria, acho, esconder isso e abrir a situação muito depois. Quando ele soube, ele ficou calado, virou para mim... eu contei chorando porque fazia poucos meses que eu tinha feito, né? Eu falei, abri o meu coração. Ele pegou e falou: “Olha, isso que você está me contando não te diminui para mim em nada, mas eu imagino o quanto isso é doloroso para você, se você quiser, a gente nunca mais toca nesse assunto, mas eu agradeço pela confiança que você teve de me abrir isso, porque é uma coisa muito dolorosa, nem todo mundo tem coragem de fazer isso”.

Ele falou assim: “Então, se você teve essa confiança, eu me sinto honrado de você ter confiado em me abrir isso”. E aí acabou. Nunca mais tocamos no assunto. Quando ele via que estava rolando alguma coisa na televisão, a respeito das mulheres, ele ficava com o coração na mão, porque ele falava assim: “Será que você vai estar no meio dessas?”

E não deu outra, né?

Com certeza eu tive muito medo desse processo, procurei logo um advogado, quis me proteger, eu tinha medo, apesar de ter toda a orientação e tudo. Eu não sabia que tipo de punição eu ia receber por isso. Recebi a intimação esse ano. Foi em julho, mais ou menos. Eu recebi a intimação... Foi uma coisa muito constrangedora porque na época que eu fiz, eu estava morando com a minha mãe, num bairro aqui, minha mãe mudou de casa e eles foram lá no endereço da minha mãe com aquele carro da polícia e aí a mulher que estava na casa: “Olha, eu não sei onde está morando a senhora e nem a filha dela, mas a vizinha aqui ainda tem contato com a mãe dela”. Aí eles foram na casa da vizinha da mãe, que era super fofqueira, curiosa até o último e aí ela deu o endereço da minha casa, deu, acho, que o telefone da minha casa. Ela falou assim: “Olha, estou aqui com o pessoal da justiça, eles querem entregar uma intimação para você.” Não falaram o que era. Falaram que era uma intimação. “Eles estão aqui, o que eu faço?” Eu falei: Não, pode dar o endereço aqui de casa, anota aí. Aí ela passou o meu endereço para eles e eles foram lá em casa levar, com aquele carrão da polícia. Os vizinhos ficaram todos olhando no portão, eu catei o negócio, entrei e aí fui ler tudo o que estava escrito lá, para eu comparecer. Daí, o meu esposo mesmo falou: “Vai, procura uma ONG de direitos humanos, porque eu acho que eles estão fazendo um trabalho com essas mulheres...” Mas aí eles me indicaram uma pessoa que ainda estava envolvida com algum trabalho, aí eu fui atrás.

No momento eu queria não aceitar, porque a maior luta minha era assim “porque só eu estava sendo intimada”? Este é ainda o meu grande questionamento. Por que só nós, mulheres, somos punidas e ninguém consegue me responder isso, será que ninguém pensa





nisso? Por que só a mulher? Essa é a minha grande pergunta, o meu grande questionamento, e eu me sinto injustiçada nisso. Eu acho que o rapaz com quem eu me envolvi também é responsável, eu acho até muito mais, porque se ele tivesse me apoiado, não que esteja querendo me isentar da culpa, mas eu acho que ele também é muito responsável por tudo isso, e com a vida dele não aconteceu nada. Agora eu tenho que ir ao fórum, todo mês, prestar contas, onde eu estou, onde eu moro. Por dois anos eu vou ter que passar por isso, não posso sair daqui sem comunicar. Ainda que isso foi light, eu sei que tem mulheres que estão hoje prestando serviços à comunidade. A minha grande preocupação era essa. Eu estou de licença para cuidar de uma criança que nasceu e tem necessidades especiais, não estou exercendo a minha profissão. Como é que eu vou deixar a minha criança que precisa de meus cuidados, para ir para uma creche, para ir limpar chão, para fazer não sei o quê, não que eu não possa ir, tem gente que eu acho que está fazendo isso, mas será que essas mulheres estão passando por isso e só elas que têm que fazer isso? Essa é uma coisa que eu acho que precisa ser revista, é muito injusto isso, é o nosso corpo, mas a gente não fez o filho sozinho. E só a mulher que tem que passar por um processo doloroso, muitas vezes, correndo risco de morte, sabe-se lá em que condições insalubres. Eu tive a felicidade de fazer num lugar decente, e que me trataram como gente, e quantas perdem a vida, quantas não vão poder ser mais mãe, ter filho, não vão poder reconstruir a vida, ter um novo relacionamento, quantas morrem? E para os homens? E a outra parte, os outros 50%? Por que sem nenhuma punição? Por que não dividir essa pena com eles também? Eu acho que melhoraria muita coisa. Não sei se isso, algum dia, vai acontecer nessa sociedade machista em que a gente vive. Não sei se eu vou viver para ver isso mudar, mas é uma coisa que eu acho que precisava ser mudada.

O meu pai nem sonha com o que aconteceu. É um desconforto muito grande para mim, todo mês, a minha mãe me liga para me lembrar. A minha mãe me liga: “Filha, não esquece que você tem que ir lá. Filha, não esquece, pelo amor de Deus.” Ela tem medo, ela acha que a polícia vai lá na porta da minha casa, me buscar e me prender. Tadinha, na cabeça dela é isso que ela pensa, que eu vou ser humilhada se eu esquecer. Também não sei se eu vou, não sei o que acontece se eu não aparecer. Mas eu estou tão envolvida com os problemas de saúde do meu menino que... menos mal, só tem que assinar um papel, mas é todo mês e toda vez que eu vou dirigindo o carro, aquilo vai remoendo, parece um filme na minha cabeça, eu me lembro das coisas que ele me disse, eu me lembro da clínica... é muito complicado.

Às vezes, eu penso que se eu tivesse tido essa criança, eu não teria conhecido o meu esposo, talvez, ele não teria ficado comigo porque eu estaria grávida, estaria grávida de 4, 5





meses. Então, uma recompensa boa para mim foi eu ter conhecido o meu esposo, talvez eu não teria se tivesse tido o meu bebê. Então, você imagina que você nunca vai passar por aquilo na vida, que você nunca vai ter coragem de fazer e você até julga. Eu achava que jamais ia fazer um procedimento desse. É isso que é impregnado, mas quando você se vê do outro lado, você sabe que não é assim, pode ser que tenham mulheres que engravidam porque não se cuidaram. Existem aí na saúde, por mais precária que seja, você tem o conhecimento, você tem acesso, meios, mas existem os acidentes de percurso, o meu foi um acidente de percurso, eu não estava querendo engravidar daquele homem e aí, de repente, aconteceu, foi um acidente que aconteceu, uns furam a camisinha, outros a camisinha fica lá dentro e aí? Não tem ninguém a favor do aborto. Eu não tive opção. Quando eu pensei na solidão que foi, porque quando eu me separei do pai da minha filha, eu estava grávida de quatro meses.

A gente sabe que tem muito o olhar recriminador das pessoas sobre quem fez um aborto. Eu tenho vergonha, eu jamais... é uma coisa que a gente não pode dizer: “Ah eu fiz um aborto”. Isso é uma coisa que ninguém fala, ninguém revela assim... você não sai contando por aí justamente pela retaliação das pessoas.

Lá no fórum é muito tranquilo. Você chega lá, dá o seu nome, eles te dão uma folha, eles põem a data, assina e você leva para casa e só isso. Graças a Deus é só isso, não é uma coisa... Eu tenho coisas para resolver fora do Estado, estava estudando, não pude sair por conta do meu filho e eu até estava falando para o meu marido: “Eu preciso viajar, eu preciso resolver”, mas aí ele falou: “Olha, se você ficar 2, 3 semanas, não tem problema, não precisa comunicar, só se você ficar mais de 30 dias”. É isso, não posso me ausentar de Campo Grande por mais de 30 dias sem comunicar e ter uma autorização. E se eu quiser ficar dois meses fora daqui, eu tenho que comunicar e esperar sair um aceite de que eles estão de acordo com o meu período de ausência e me apresentar todo mês.

Primeiro, eu tive que ir na delegacia, para preencher um monte de coisa e depois veio a data que eu tinha que comparecer com o advogado. O juiz nem ficou lá. Na hora em que eu entrei, o juiz só deu uma olhadinha na minha cara e saiu para lá e ficou uma moça, e a que estava escrevendo as coisas, e o meu advogado. Aí rapidinho ela já... Eles também não foram de discriminar não. Não senti nem um pouco. Acho até pelo contrário, eu posso dizer assim, parece que pelo fato de ser mulher, eu não sei quem atendeu, eu não lembro da pessoa, mas achei super assim... me tratou super bem, foi super educada a pessoa que deu a sentença, a pessoa que estava escrevendo. Então eu não tive problema nenhum. Agora lá, onde eu vou todo mês, é indiferente.



Os jornalistas que fizeram aquela matéria só jogaram a coisa no ventilador e se mandaram. Eu falei isso para o meu marido, porque ele dá aula para os jornalistas, e o meu marido dá aula de ética. Eu falo para ele: “Olha que situação”. O que eles ganharam com isso, eu pergunto para você? Fala para mim, como jornalista, o que isso acrescentou, tão maravilhosamente a vida profissional deles, o que isso fez para a vida deles? Eu falei isso para ele. Aonde está a ética disso? Será que em algum momento eles pararam para pensar que nem todas as mulheres, talvez, que fizeram isso, eles não pensaram na vida da gente, eles não pensaram nos casamentos, nos relacionamentos, eles não pensaram em nada, foi somente pelo mero prazer de jogar a coisa (desculpe falar) no ventilador, ver respingar para todo lado, sair no Jornal Nacional, por questão de segundos. Eu falei isso para o meu marido: “Olha, ensina isso, muito, para os seus alunos, que tipo de jornalista vai estar saindo aí, buscando este tipo de sucesso. Será que eles estão tão bem assim, para onde eles foram agora?” O que ajudou, em termos de saúde pública, o que este trabalho, o que ele fez de repercussão nacional, o que ajudou? Diminui o número de mulheres fazendo aborto? Diminui o número de mulheres morrendo fazendo aborto em condições subumanas, precárias, ajudou?

Não conheço ninguém dessas mulheres que estão sendo processadas nesse mesmo lote que eu, não conheço ninguém, nunca conversei com nenhuma, não sei nem o que elas falaram, o que elas pensam, talvez pensem como eu, talvez, deixariam uma outra mensagem diferente da que eu estou deixando. Já li algumas coisas sobre isso, outras reportagens, mas é isso que eu falei... quando ela falou para mim (a advogada) do trabalho de vocês, eu achei interessante porque eu falei para ela: “Mas qual é a finalidade, é mais uma crucificação?” E eu acho que a gente precisa de algo contrário a isso, que mostre o outro lado da vida da mulher. E é justamente isso que a gente conversou, nem todo mundo que faz isso é um monstro, e é isso que é passado pela mídia.

Eu acho a lei injusta. Quem julga são homens, é extremamente masculino. Nunca quiseram saber o nome do pai. A única pessoa que me perguntou foi o meu advogado, o rapazinho que me acompanhou. Ele quis saber, mas fora isso... mas eu acho que isso é um ponto importante, essa coisa machista.

O meu relacionamento com o meu filho, ele, realmente, foi uma escolha... O meu filho é um tesouro, é um bem maior que eu tenho. Eu sempre falo isso para eles, que eles são os meus tesouros, tesourinhos. Eu amo muito os meus filhos e ele é muito especial para mim, ele é muito companheiro. Então, eu vivi muito só, muito tempo, só nós dois, vivemos muitas coisas, muitas lutas, muitas dificuldades juntos, financeira e ele sempre foi muito



saudável, graças a Deus. Essa parte de saúde com ele eu fiquei mais tranqüila, mas tivemos que passar muitas coisas juntos com Dia dos Pais, ele fazia lembrancinhas, trazia para casa, dava para o vovô, acho que tudo isso pesou para mim, eu ter que passar por isso tudo de novo e, de repente, quando eu não esperava, porque quando aconteceu isso, eu me fechei, eu decidi... Eu falei que não queria mais saber de ninguém, “eu acho que não vou mais casar, eu não vou ter mais relacionamento com ninguém e eu tenho que ser feliz com o que eu tenho, o que eu tenho, um filho maravilhoso, lindo, perfeito, inteligente, saudável, um pai, uma mãe que estão aí me apoiando, com toda simplicidade deles”. Conseguiram me fazer estudar. Hoje estou trabalhando e dando aula, então, eu consegui melhorar a minha situação financeira, eu posso dar um conforto para o meu filho. Então, o meu filho, de certa forma, para mim foi isso, foi um aconchego para o meu coração saber que eu gerei, eu tive essa felicidade de gerar uma vida e pôr alguém no mundo, ele para mim era isso.

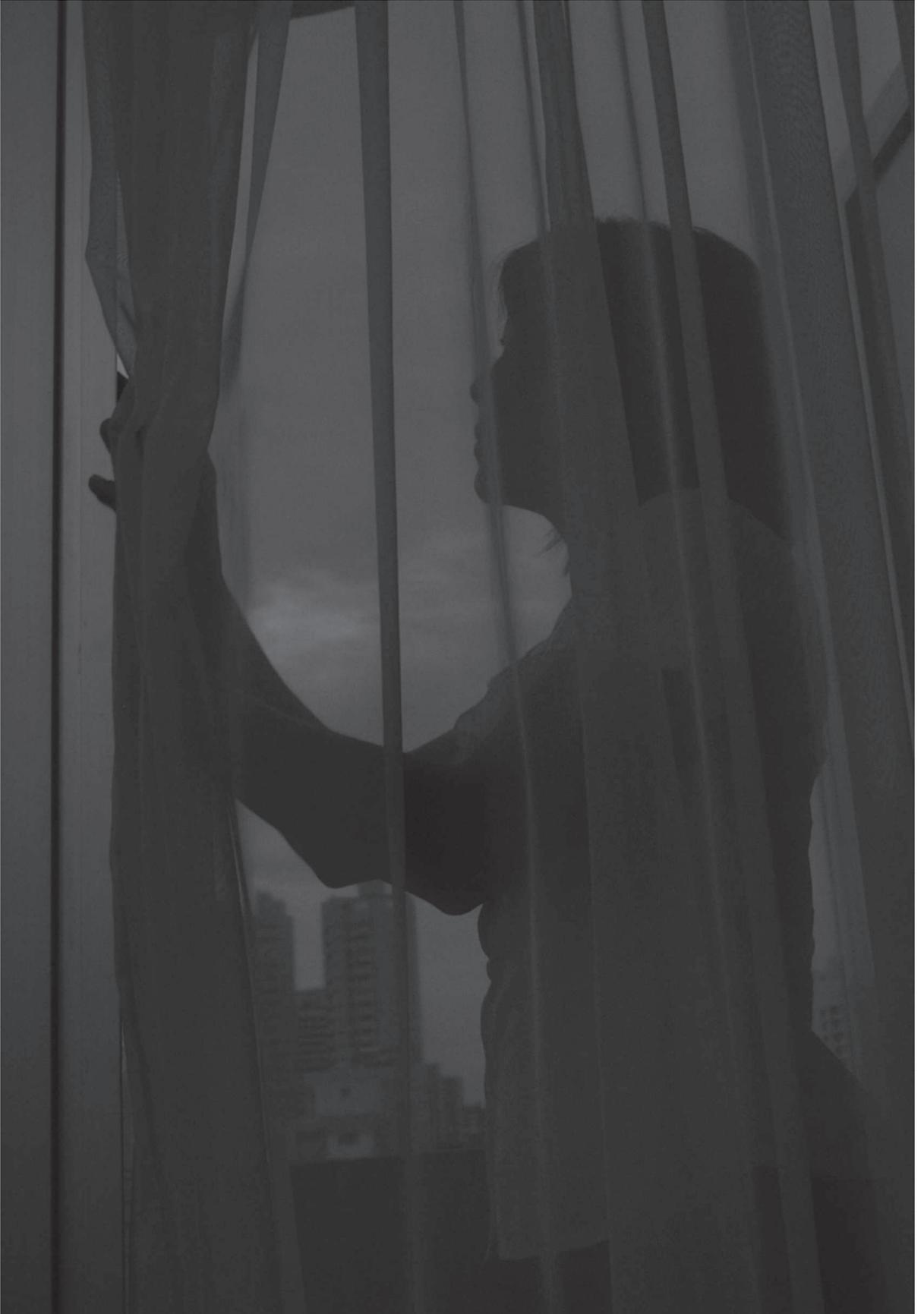




## *A aflição de Olga*

Eu só concordei e assinei. O juiz também não ouviu, eu fiquei cinco minutos na sala do juiz, só assinei e ouvi a pena que ele falou, que em dois anos o crime seria prescrito. Foi mais assim, para eliminar o arquivo, sei lá, não sei, para cumprir os trâmites legais, como se diz, na verdade se é considerado um crime, tem que fazer o procedimento de praxe, acredito eu; na verdade, eu achava desnecessário.

“Eu me casei muito nova, terminei a escola com aquele sonho de fazer faculdade. As coisas não deram certo da forma como eu pretendia. Com o primeiro namorado que eu tive casei. Fui para São Paulo, morei lá por dois anos, retornei com o meu esposo. Na época, nós dois trabalhávamos no comércio e eu sempre dedicada... a gente comprou um apartamento juntos, não chegamos nem a morar no apartamento, porque ele começou a ficar estranho, saiu de casa, aí eu descobri que ele tinha sido infiel. Então, naquele momento, parece que tudo... o chão se abriu para mim. E era um marido que eu depositava todas as expectativas nele, amava muito e, um mês depois, encontrei uma pessoa bem mais velha, que trabalhava comigo, no outro emprego que eu tive. Nós passamos a conversar, como amigos, e fomos aproximando. Eu sei que as coisas foram acontecendo, não sei se por motivo de carência, me senti segura com aquela pessoa. Como aconteceu aquele caso de traição no primeiro casamento, eu falei: “Bom, aqui eu não vou ter esse tipo de problema.” Na época, eu tinha 23 anos e ele, 17 anos mais velho que eu, ele tinha 40 anos já. Falava que desejava muito ter um filho, e eu sou apaixonada por criança. Eu fazia faculdade de pedagogia, eu sou formada em pedagogia e ele foi me ajudando, me dando suporte emocional, suporte financeiro. Só que ele era uma pessoa bem mais velha. No princípio, eu gostava dele, porque ele demonstrou ser uma pessoa que ele não era, entendeu? Até no lado finan-

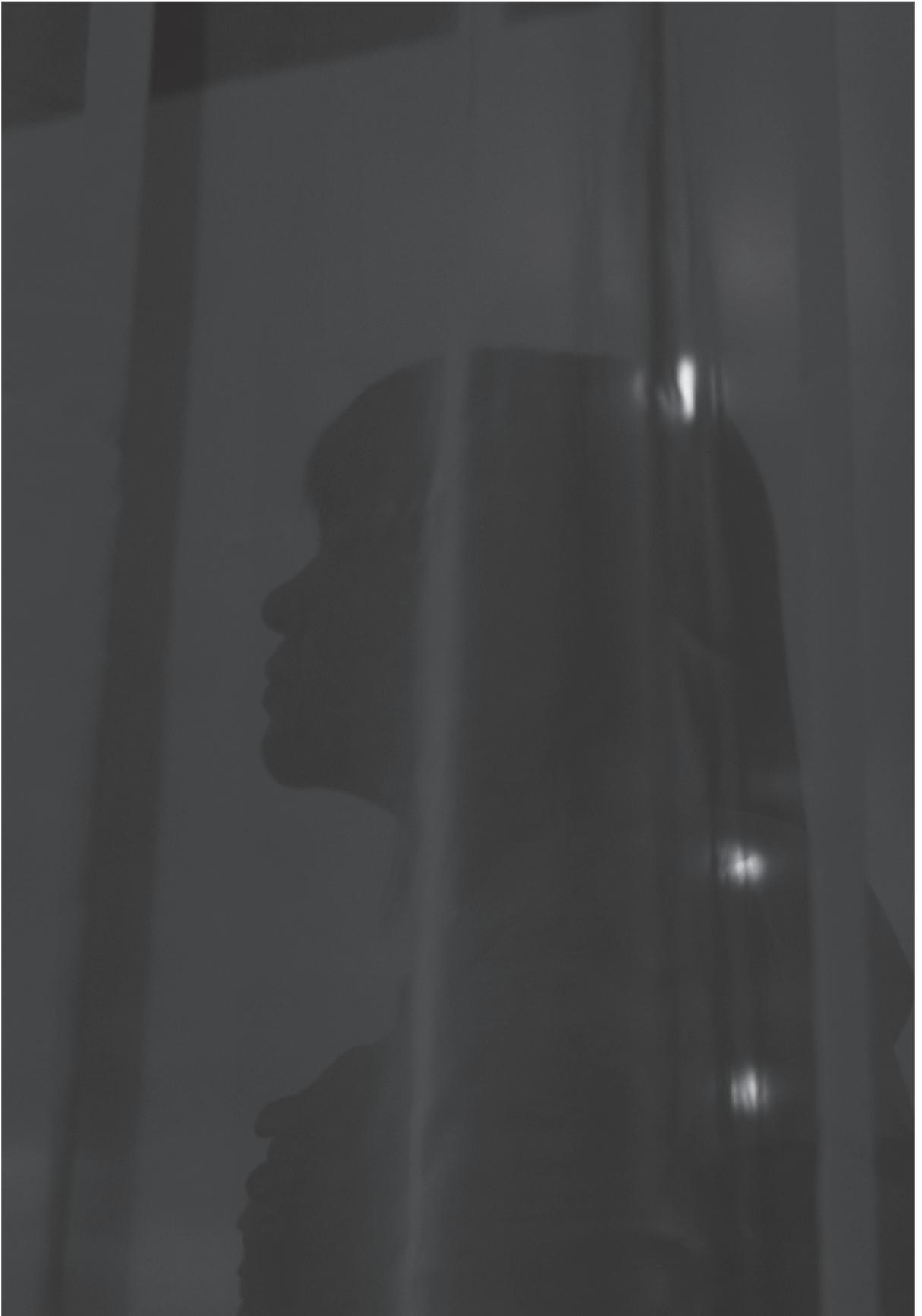




ceiro, fazia tudo para me agradar. Eu saí do meu emprego, fiquei só estudando na faculdade, fazendo estágio.

O primeiro ano da minha filha foi muito difícil. Financeiramente, a gente sofreu uma ordem de despejo, fui morar na casa dos meus pais novamente com ele. A gente ficou ocupando um quarto, eu, ele e a minha filha. Os nossos móveis todos amontoados num quartinho do fundo e a minha filha pequenininha. Tranquei a faculdade, tudo o mais. Nesse período que eu engravidei novamente, eu tinha que ouvir coisas da minha mãe... mas ninguém sabia que eu estava grávida. “Ah, você largou a sua faculdade para isso, para ficar cuidando de marido, ficar com uma filha pequena agora... se casou com um homem mais velho, quebrou a cara, você achou que você ia se dar bem, agora você está aqui na minha casa.” Coisas bem desagradáveis. Nesse meio tempo eu me vi grávida, aqueles meus planos todos frustrados. O que eu vou fazer? E a primeira gravidez, tão desejada, minha filha era um bebê, ela ainda mamava em mim, um aninho, e eu não me enxergava com outro bebê. Naquela situação econômica complicada, morando de favor na casa dos meus pais, da minha mãe, porque o meu pai tinha saído de casa, e duas irmãs dentro de casa adolescentes. Era uma situação difícil mesmo, tinha vezes em que eu não tinha dinheiro para nada. Eu saí do meu emprego para ficar cuidando da minha filha, larguei a faculdade para ficar cuidando da minha filha. Porque ele achou que pudesse dar um suporte, só que era tudo uma fachada, na verdade, não tinha dinheiro. Ele foi vivendo de aparência para me agradar, pegando dinheiro emprestado de agiota, aquela coisa toda. Aí foi quando a gente resolveu. Eu falei: “Eu não quero, a gente não tem condições de ter esse filho nesse momento.”

Eu resolvi e ele também. Ele falou: “Como a gente vai ter esse filho, morando na casa da sua mãe?” A minha filha bebê, pequenininha, como vai ser outro bebê nesse momento? E demoramos também. A gente procurou a clínica. Porque eu já conhecia o lugar em que a gente sabia que não ia ter problemas, até físicos, problemas de infecção, problemas de risco de morte. Por mais que a gente soubesse que era uma clínica que fizesse isso, todo procedimento era feito da melhor forma possível. Ela cobrava um preço justo pelo serviço que ela prestava e as pessoas procuravam conscientes. Eu não condeno essa doutora. Até que ela faleceu. Eu não condeno a doutora pelo o que ela fazia, porque a gente tinha toda uma orientação com psicóloga. Eu passei por uma entrevista, o meu esposo na época também. Fizemos o ultra-som, ela encaminhou para um doutor que fazia ultra-som. Ela perguntou... eu não falava com ela, só com a psicóloga. “Vocês têm certeza de que é isso que vocês querem?” Foi confirmado, foi passado o valor. Nós demoramos para conseguir esse valor e naquela tensão de não dar certo. Mas eu não queria mesmo, naquele momento,





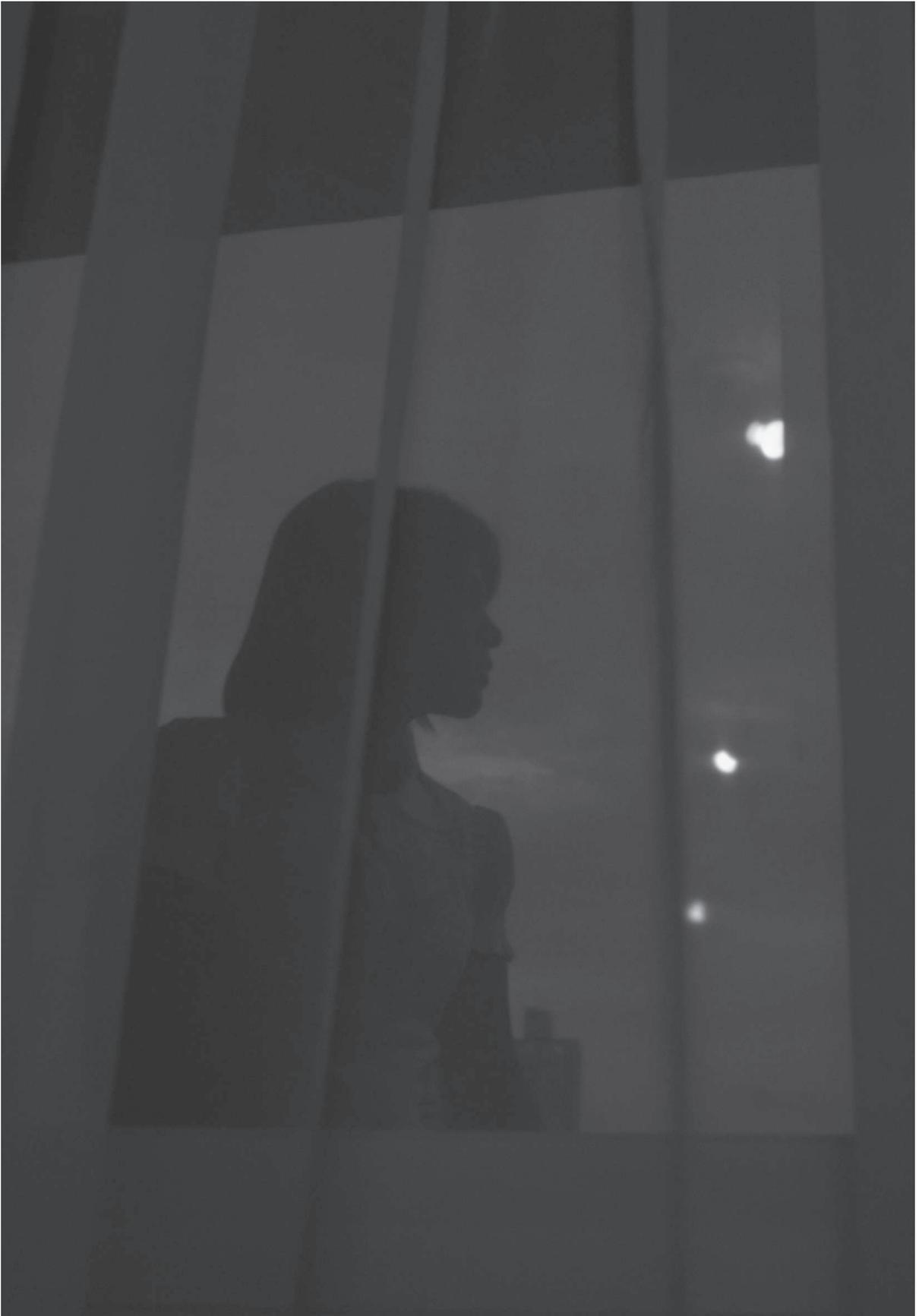
eu não queria, eu não me via mãe pela segunda vez em tão pouco tempo. Eu amo criança, tenho sobrinhos, tenho a minha filha...

Foi em 2002. O lugar era super higiênico, as enfermeiras, as psicólogas, extremamente atenciosas. Em nenhum momento eles forçaram uma coisa que você não quisesse. Em todo momento a gente estava ciente daquilo, eles confirmavam, não só pela questão do valor, mas pela questão de decisão irreversível, uma decisão consciente. O que demorou mais, porque a decisão estava tomada, eu não desejava ter aquele filho, naquele momento, não tinha chance, o que demorou mais foi conseguir o dinheiro. Eu nem vi o rosto da médica, porque eles dão anestesia no quarto, e aí não vi nada. Voltei para casa, não tive nenhuma complicação, aí fui tocando a vida. A gente combinou nunca mais tocar no assunto, achei que tudo aquilo tivesse sido esquecido, mas aí depois... Depois, até melhorou um pouco a situação financeira, quando a minha filha estava maior, eu coloquei ela na escola, retomei os meus estudos. Faltava um semestre para eu concluir pedagogia, concluí, consegui um emprego, estudei muito. Eu desejava muito passar no concurso público, foi o que eu fiz, com muita determinação, por mais que ele falasse para mim que era muito difícil, que eu não ia conseguir, que tinha muito concorrente. “Mas é o que eu quero, eu vou conseguir, sim, eu vou estudar e vou passar.” Tinha 50 vagas para um candidato, eu passei.

Então, me arrependi, não pelo que fiz, mas desde o início. Só que não adianta a gente se arrepender, a gente ter piedade da gente mesmo, a gente tem que procurar viver melhor daqui para frente, porque os erros servem como aprendizado também, acho que tudo na vida é válido. Hoje, eu trabalho com crianças, sou uma pedagoga, amo de paixão o meu trabalho, só que eu acho assim: é diferente, eu educo, instruo as crianças, mas elas têm a responsabilidade maior que são os seus pais. Eu tenho a responsabilidade sobre a minha filha, eu sou mãe dela, eu cuido, eu dou assistência médica, odontológica, educação, oriento nas tarefas, só que sou só eu.

Tem um ano que nós nos separamos.

No caso do processo, eu recebi uma intimação, na verdade, eu não sabia do que se tratava. Foi no início do ano, para eu comparecer à delegacia. Eu fiquei surpresa porque nunca fui a uma delegacia, eu sou uma pessoa sem antecedentes, nunca me envolvi com nada que pudesse me comprometer judicialmente, mas eu imaginava que pudesse ser isso. Porque teve o processo da médica ser presa, aquela coisa toda que pegaram as fichas da clínica. É que foi há tanto tempo, há 6, 7 anos. Fiquei sabendo do processo dela pela mídia. Não diria que fiquei com medo, mas eu jamais esperava, porque desde a minha adolescência que eu ouvia falar dessa clínica, todo mundo sabia que lá realizava esse tipo de coisa.



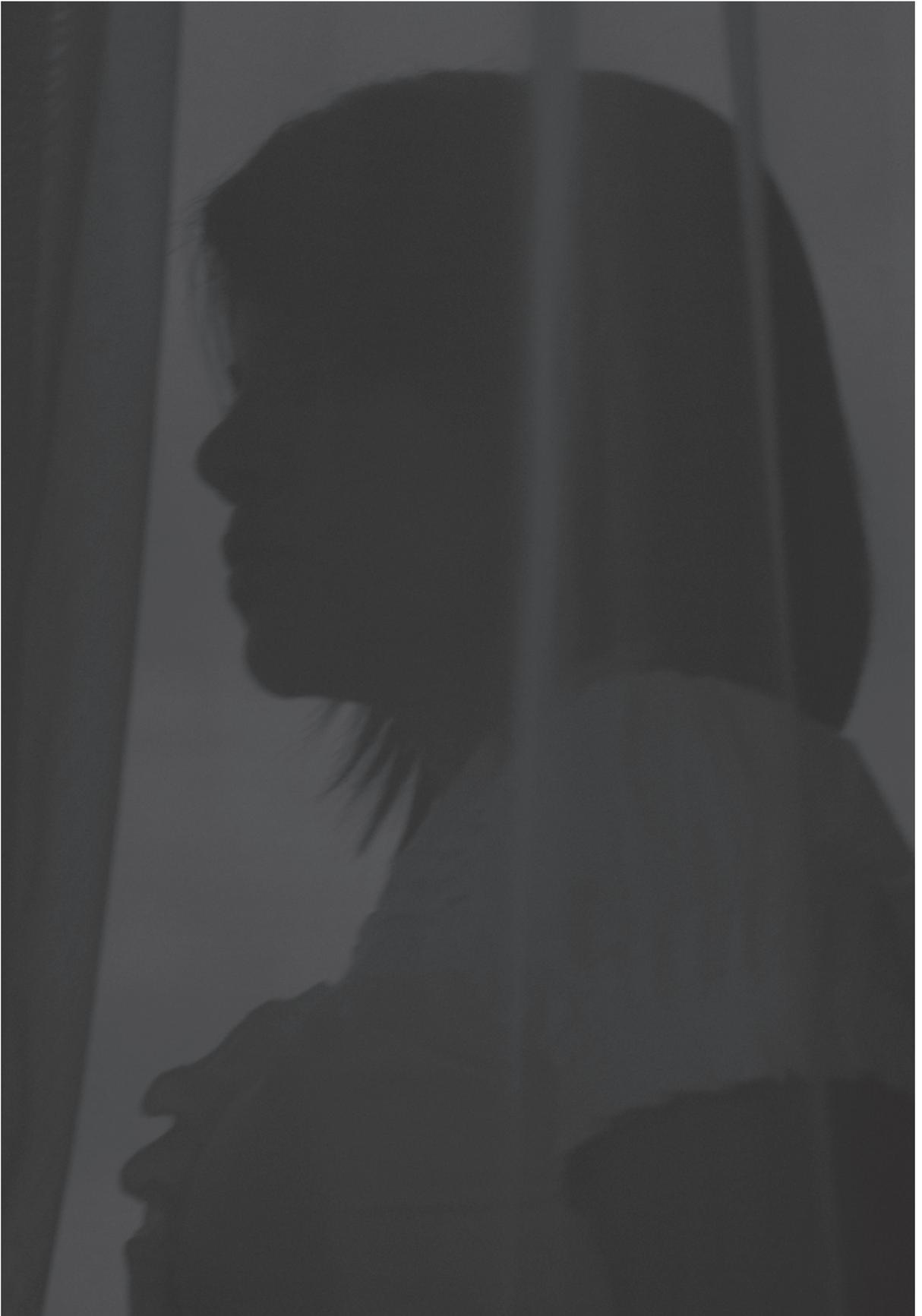


Outra coisa que é muito séria, de acontecer pessoas curiosas que fazem este tipo de procedimento. Essa semana mesmo noticiou aqui, uma vila de casas, uma jovem mãe, abortou o próprio filho e estava no vidro. Uma coisa muito séria de se fazer. Imagine o risco que essa mulher não corre? Então, se a pessoa não deseja, existe um lugar destinado para isso, que era feito com todo cuidado. Pessoas com poder aquisitivo alto procuravam porque tinham dinheiro para pagar, mas tem pessoas com situação delicada, como a gente, que tiveram que se virar para conseguir o dinheiro e pagar.

Eu procurei a delegacia, o escrivão me orientou assim: “Se você não quiser falar nada, você pode não falar nada, dizer que você se reserva a falar em juízo.” Ele foi quem me orientou dessa forma. Ele mostrou, eu reconheci a letra e tudo mais. Porque na ficha a médica se isentava de qualquer culpa, porque ela falava que a gente tinha consciência do que estava realizando, o processo e coisa e tal. Então, a gente estava consciente disso. Ele falou que você pode se reservar a responder em juízo. Então, eu prefiro responder em juízo.

Eu fiquei meio perdida, porque é uma coisa muito delicada, até para você consultar um profissional da área jurídica, e aí, meses depois, chegou a intimação para eu comparecer ao fórum, com a presença de um advogado. Aí foi que eu conversei com esse meu amigo da Igreja, que é advogado, e ele falou: “Olha, é uma questão bem simples, você não deve nem procurar um advogado, você procura (a defensoria)... porque você vai pagar um advogado só para isso, vai lá de manhã.” E foi o que eu fiz. Foi muito tranquilo, eu achei que foi algo justo, porque no dia o juiz conversou comigo e ele falou: “Nós percebemos que você é uma pessoa que trabalha, tudo o mais. Até poderia pagar uma pena alternativa, de servir cestas básicas, só que, no seu caso, a gente vai...” Todo mês, eu tenho que comparecer lá ao fórum e assinar um termo, dizendo que o meu endereço continua o mesmo, durante dois anos. E depois disso o crime é prescrito. Todo mês tem que comparecer, se eu for me ausentar por mais de um mês, eu tenho que comunicar, só isso.

Na época, quando eu soube que estava entrando no processo... é como se voltasse tudo aquilo, porque eu já tinha resolvido apagar. Aquelas coisas que você deixa naquela gavetinha fechadinha, naquele compartimento do cérebro, você nem lembra, nem ousa lembrar daquele momento tão sofrido. É como se viesse tudo à tona, é triste, é desagradável, mas é uma coisa que se paga. A gente faz as coisas aqui e tem conseqüências, tudo o que é feito tem conseqüências. Então, é aquilo que eu falei, são oportunidades e escolhas. Foram oportunidades que eu desperdicei, muitas vezes, de não me envolver, me envolvi com as pessoas erradas, escolhi...





O pai da minha filha não me deu nenhum apoio. Na época, eu comentei com ele. Ele é uma pessoa muito enrolada. Ele falou que ia arrumar um advogado, eu não fiquei esperando, porque é uma coisa que recaía sobre mim, eu fui tomar as minhas providências, não fiquei esperando, porque até hoje eu não fico esperando nada dele, eu corro atrás com os meus próprios meios. Então, eu vou correr atrás de resolver, porque é um problema meu. Mas o juiz, no dia em que eu fui assinar a minha pena, ele perguntou se eu queria responsabilizar mais alguma pessoa e eu falei não. Não foi uma coisa imposta, eu não achei necessário.

A gente, muitas vezes, com as atitudes tão precipitadas, acaba se esquecendo do principal, e acha que não vai acontecer. Quando vê, no momento do descuido, acontece uma coisa dessa, mesmo com pessoas adultas, não só com adolescentes, que é o mais comum. Com pessoas adultas também pode acontecer.

Quando eu fiz tinha 25 anos.

Eu acho que o aborto é mais um tabu, como muitos que nós temos, homossexualismo, por exemplo. O homossexual é discriminado, uma coisa sofrida, mas nem por isso eles têm menos valor que uma pessoa heterossexual. Uma pessoa que teve uma decisão como essa, de praticar o aborto, decidir se queria ter um filho naquele momento ou não... Tudo bem que já estava concebido, mas é uma decisão que compromete a vida toda, filho é para a vida toda. Eu tenho a minha filha, ninguém vai à minha porta e oferece ajuda para cuidar da minha filha. Eu tenho que me desdobrar para cuidar dela, para ver uma pessoa para cuidar, escola, alimentação, vestuário, todos os detalhes, sou eu quem cuido, ninguém me dá esse tipo de assistência. Aí as pessoas criticarem, julgarem, é muito fácil. Eu acho que não é por aí, mas acontece muito, só que eu acho que tem que ver a questão geral. Fatos são isolados, existem realidades e realidades. Acho que é uma coisa que ninguém deseja, ir lá fazer como se vai fazer uma lipoaspiração, é uma decisão muito delicada, muito difícil, dolorida.

O pai da criança nunca tocou no assunto, nunca mais. Foi como se não tivesse existido aquele episódio. Quando eu estava na clínica nós dois assinamos um termo de responsabilidade, até porque a entrevista foi feita para o casal. Ele não foi intimado, em nenhum momento e nem foi citado.

A gente se sente exposta com a forma como foi feita a invasão da clínica, as fichas estavam bem antigas, eram preenchidas a lápis, mas tinha todos os dados, endereço, idade. A intimação foi para a casa da minha mãe, mas não estava escrito o que era. Ela não sabe. Aí depois um oficial de justiça foi me procurar, ele se certificou que queria falar comigo, aí ele falou no dia que ia ser a audiência. Eles foram bem discretos nesta questão, não tive problemas em relação a isso. Não moro mais na casa da minha mãe. Eu moro com a minha filha e com uma tia.



No momento em que acontece uma situação dessa, de você ter que fazer um aborto, é algo inesperado. A pessoa que tem relação sem se prevenir está sabendo, corre risco, só que cai como uma bomba naquele momento, no momento que descobre que está grávida e cada caso é um caso, não sei como me posicionar nessa situação. Eu não vejo só a questão do Estado, tem a questão cultural, porque, de repente, libera-se em países desenvolvidos.

Eu não me senti penalizada, eles explicaram, só que eu achei desnecessário. É aquele negócio: tem consequência? Tem. A consequência pior é o estigma que fica, aquela coisa que fica na consciência mesmo, de você ter praticado algo errado, criminoso. Eu não me enxergo como uma criminosa. Hoje em dia a minha vida estaria muito diferente se eu não tivesse tomado essa decisão no passado. Por isso eu digo que eu não me arrependo da decisão, me arrependo de todo o processo, das escolhas.

Eu acho que não é correta a postura do Estado de só condenar a mulher. Tinha que ouvir, eles não ouviram a minha história, vocês são as primeiras pessoas que estão ouvindo, eles só perguntaram se a assinatura era minha, se eu estive lá naquela data, se eu confirmava, se eu tinha algum argumento, porque teve pessoas que apareceram com filho naquela idade, aí já descaracterizou o crime, só visitou para uma consulta, mas, na verdade, tinha tido filho. Eu só concordei e assinei. O juiz também não ouviu, eu fiquei cinco minutos na sala do juiz, só assinei e ouvi a pena que ele falou, que em dois anos o crime seria prescrito. Foi mais assim, para eliminar o arquivo, sei lá, não sei, para cumprir os trâmites legais, como se diz, na verdade se é considerado um crime, tem que fazer o procedimento de praxe, acredito eu; na verdade, eu achava desnecessário.



## *O direito de escolha de fia*

Acho que isso é um direito meu, e eu acho que eu vou em frente também, não vou aceitar assim eles me condenarem. Eu não acho que eu sou culpada de um crime. É um crime, talvez, para quem entenda que é um crime, mas é a minha vida, eu não mexi com ninguém, eu não fiz nada para ninguém, é minha vida, então eu não vou deixar me condenar. Se eu aceitar o acordo, vou estar assumindo e eu não acho que é crime. Por que aqui é crime e em outros lugares não?

“Eu já tinha sido casada há oito anos com o pai das minhas filhas. Tive duas filhas, tive um bebezinho que nasceu de cinco meses e meio, e, por nascer muito prematuro, ele morreu, ficou 10 dias na UTI, e morreu. Depois eu me separei do pai das minhas filhas, separei dele e conheci o meu outro marido. A gente já estava junto há mais de um ano. Ele não tinha nenhum filho. Eu era funcionária pública, eu prestei um outro concurso, chamaram uma turma e ficou de chamar a próxima turma que seria a que eu iria entrar. Justo quando eles foram chamar para a gente iniciar o processo de avaliação física, principalmente, eu engravidei e era a oportunidade que eu tinha no momento. O meu marido na época era louco para ter filho, ele queria mesmo, mas não tinha condição. Era uma oportunidade que não tinha como deixar passar, até para o meu futuro, para as minhas filhas, para tudo. Era uma maneira de melhorar, então, eu não tive como.

Querer, na verdade, a gente não quer, foi só a situação que me obrigou mesmo, até porque eu sou apaixonada por criança, eu tenho vontade de ter outro filho, mas é que a situação, no momento, me obrigou a fazer, eu não podia perder esse concurso, aí foi onde eu fiz. Ele foi comigo, ele me acompanhou em todos os momentos. Ele não queria, mas só que... até porque eu já era adulta, mesmo ele querendo ou não, de qualquer forma seria





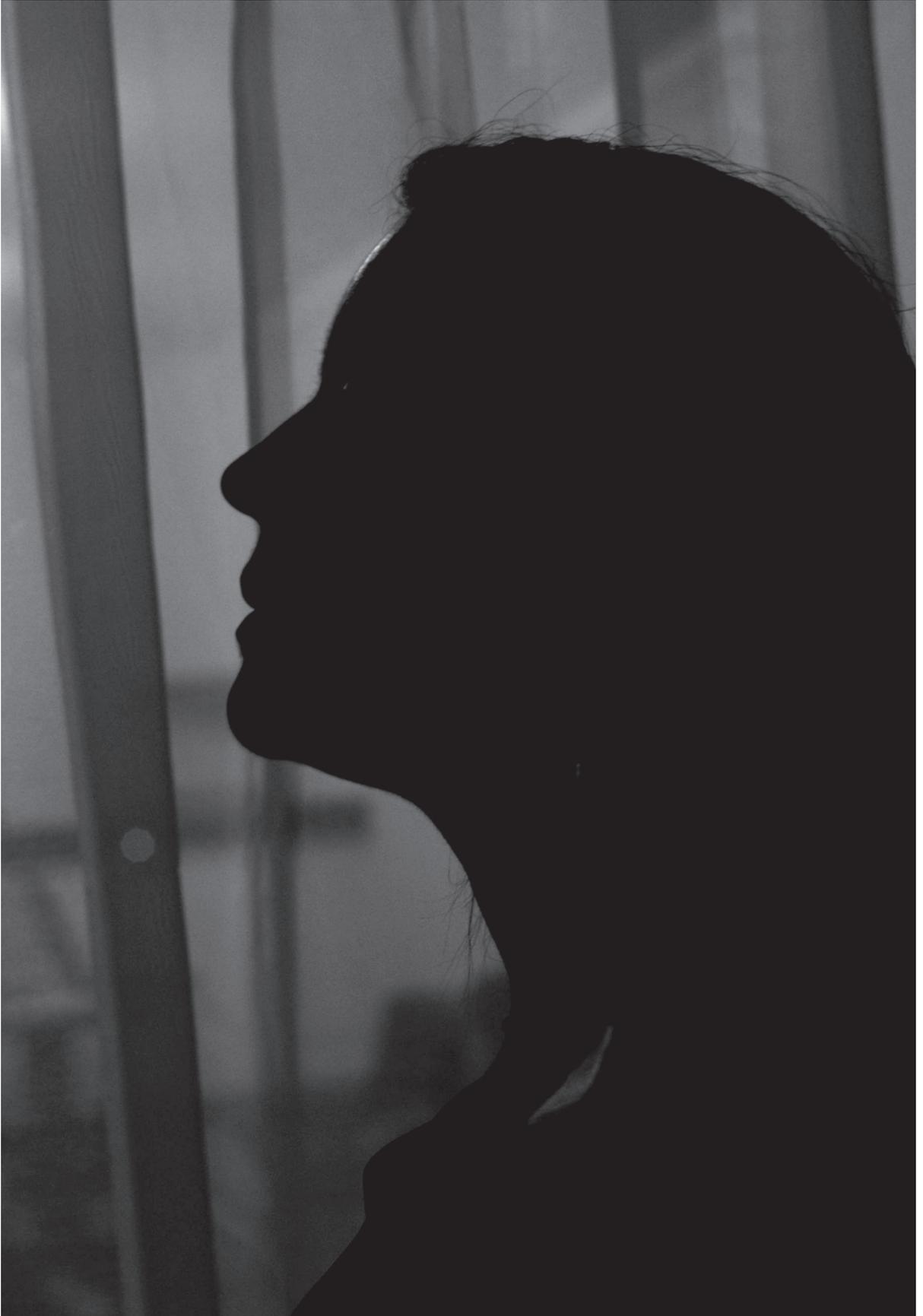
feito, mas ele me apoiou. Ele chorou, porque o sonho dele era ter um filho, ele não tinha nenhum filho, não tem até hoje, mas me apoiou, ficou do meu lado o tempo todo, foi comigo o tempo todo, ficou junto. Correu tudo bem, graças a Deus, mas não demorou muito tempo. Depois de mais de um ano, aí nós nos separamos. A separação não teve nada a ver com isso. Ma eu só fiz mesmo o aborto por isso. Eu não podia, na época.

Eu não me arrependo porque é como estou falando: se fosse por um motivo banal, uma coisa assim... Não é isso, eu sou apaixonada por criança, sou apaixonada por maternidade, eu tenho as minhas filhas. Amamenteei a minha filha mais nova durante dois anos, então, eu adoro, mas eu não me arrependo, justamente por isso. Se hoje eu estou um pouco melhor, foi pela oportunidade que eu não deixei passar. Cuido das minhas filhas muito bem sozinha e eu acho que é por isso, por isso que eu não me arrependo. Não por causa disso que eu melhorei, mas só que se eu não tivesse feito, eu não sei como seria, talvez não estaria como estou hoje.

Eu tinha ouvido falar da clínica, não sei quem, por alto, falou que era ali perto da rodoviária, na esquina onde é o local mesmo. Eu passei, procurei, tinha ouvido falar, não lembro quem, mas são comentários que passam e você não grava quem fala. Eu passei e vi a placa, estava escrito lá “Planejamento familiar”. Eu pequei o telefone e liguei. Por telefone, eles não quiseram conversar, mas falaram que eu tinha que ir lá. Eu perguntei por telefone mesmo, mas eles desconversaram, perguntei se faziam o aborto, eles desconversaram e que eu tinha que ir lá para conversar. Aí eu fui, conversei com a Neide. Na época, era um valor que eu não tinha condição de pagar, foi quando eu me desesperei mais anda, até porque eu tinha tomado remédio do camelô, o Citotec do camelô, e tinha descido um coágulo de sangue, e foi quando eu me desesperei mais ainda. Agora eu não tenho para onde correr, e se nasce uma criança totalmente deformada, totalmente com problema? Eu não tive saída. Quando fui lá e ela me falou o preço, eu me desesperei, chorei muito, chorei para ela, pedi pelo amor de Deus, justamente por causa disso, porque agora não tinha mais como correr, como já tinha um coágulo grande de sangue, às vezes, a criança já está deformada, nasce com problema. Pior ainda, se já é difícil para uma criança saudável, imagine uma criança deficiente. Ela pegou e baixou mais o preço, eu e meu marido nos viramos e consegui fazer.

Fui muito bem atendida, tudo muito limpo, muito perfeito, verdade mesmo. Tudo muito bem feito.

Entrei para o serviço público, porque a gente tem que fazer um teste físico e também a gente tinha que fazer exame de urina, para ver se não estava grávida, então, não tinha como. Estando grávida, provavelmente, eles me excluiriam, não teria como fazer, mas aí eu fiz e graças a Deus passei.





A minha família toda soube, eu nunca tive porque esconder de ninguém, eu sempre fui independente. Lógico que não é uma coisa que é para se orgulhar, sair falando para todo mundo, só que para a minha família eu nunca menti, nunca escondi, não tenho esse problema não. É lógico que tem quem ache absurdo, mas só que para mim ninguém me condenou, até porque viu a situação. A gente sempre tem uma alternativa, mas ali, naquele momento, eu pensei que eu não tivesse, que eu tinha que fazer, mas a minha família toda, de uma certa forma, me apoiou, ninguém me condenou não.

Não chegou nada para mim até agora sobre o processo. Não tenho acompanhado, eu procuro não... quem às vezes me fala alguma coisa, me dá alguma notícia, é uma amiga minha que está sendo processada, mas eu não procuro muito ir atrás. Se vier e eu tiver que responder, eu vou responder, mas não fico muito procurando não. Se eu ouvir falar alguma coisa, chamou mais alguém, eu vou procurar saber, até porque, a minha tia é advogada, ela sempre sabe mexer, sabe olhar, ela vê para mim, se tem o meu nome, alguma coisa assim, mas eu não procuro mexer com isso não. Se eu for intimada, eu vou optar por enfrentar, porque é como eu falei: é o meu corpo, é minha vida. Eu acho que, antes de tudo, nós somos seres humanos, e nós não temos os nossos direitos? Temos deveres, temos os crimes, mas nós temos os nossos, eu tenho direito em saber o que eu quero ou não da minha vida, do meu corpo. Acho que isso é um direito meu, e eu acho que eu vou em frente também, não vou aceitar assim eles me condenarem. Eu não acho que eu sou culpada de um crime. É um crime, talvez, para quem entenda que é um crime, mas é a minha vida, eu não mexi com ninguém, eu não fiz nada para ninguém, é minha vida, então eu não vou deixar me condenar. Se eu aceitar o acordo, vou estar assumindo e eu não acho que é crime. Por que aqui é crime e em outros lugares não? Quer dizer: “Ah, aqui eu cometi um crime, me mudo para outro país e lá não é mais crime”. Então, eu acho que é um direito meu, eu não acho que é crime, pode ser que pessoas não concordem, cada um tem a sua opinião, tem o seu modo de ver e viver, para mim eu não acho um crime.

Acho que tem que brigar por isso mesmo, porque a mulher não faz o filho sozinha, não tem como ela fazer sozinha. Tem a parceria de um homem. Então, de uma certa forma, os que estão próximos, eles também têm que se responsabilizar, isso se tiver alguma responsabilidade... eu acho que não tem que criminalizar ninguém. E os que largam, os que fazem e deixam por aí, a mulher é obrigada ir lá e abortar também, ou os que só dão dinheiro para ela ir também, tem que ser responsabilizado, ou então deixa a gente fazer o que quer da nossa vida. Talvez tivesse que ter mais mulheres nesse processo também, como juízas, deputadas. Porque só a mulher para saber o que passa e como é você ter um filho, porque





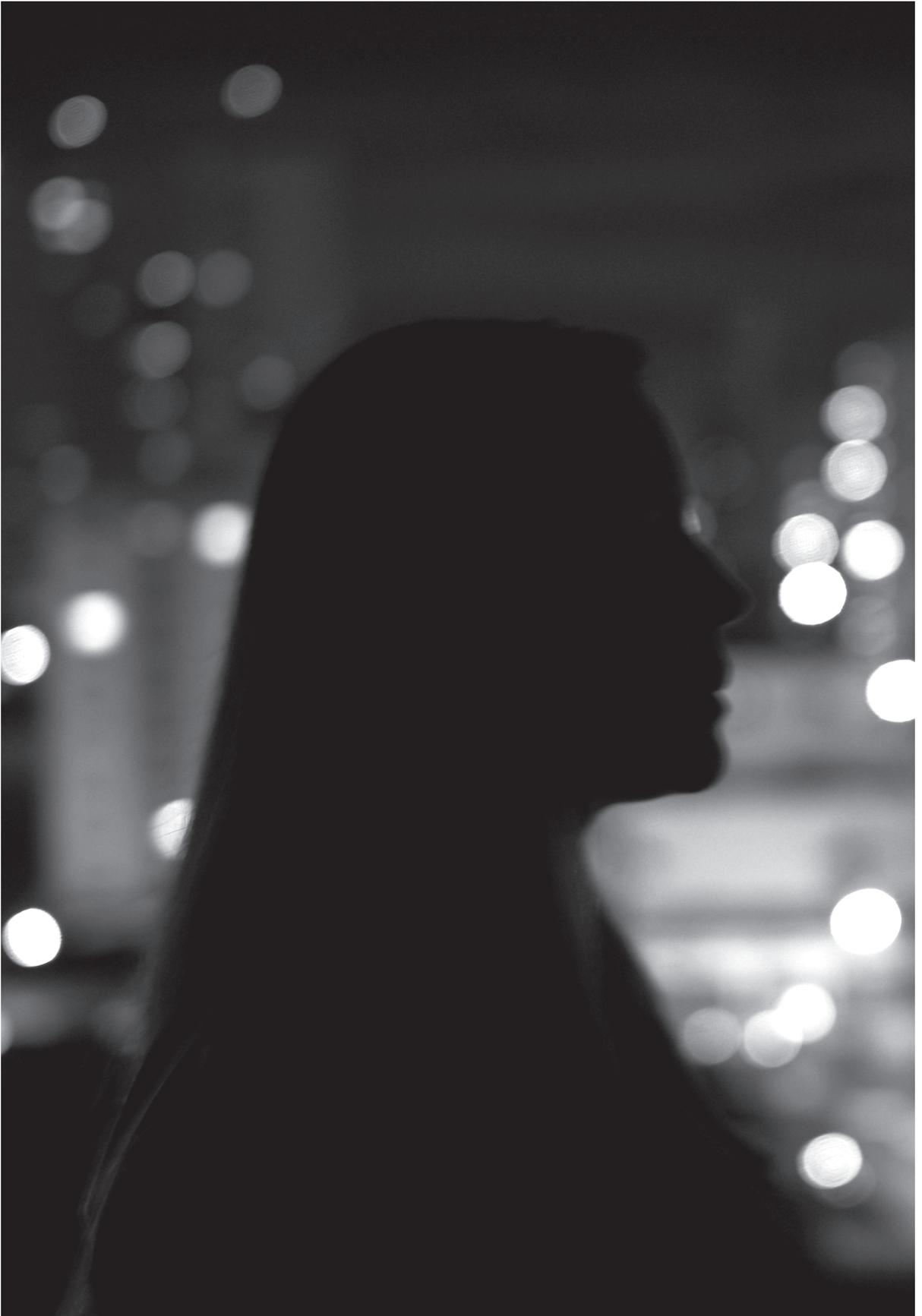
tem muitos pais que nem sonham que são pai. Agora, a mãe não tem como, não tem como uma mãe ser mãe e não saber.

Eu não lembro se eu assinei alguma coisa na clínica. Não lembro mesmo, eu até esqueci de perguntar para o meu ex-marido, a gente conversa ainda, somos amigos. Eu esqueci de perguntar. Porque ele ficou comigo o tempo todo, eu até quero perguntar para ele, mas eu não lembro se eu assinei alguma. Acho que teve algum papel que a gente assinou, sim, que eu assinei. É um crime que eles praticaram ter pego as fichas. Porque é um sigilo, tinha a ficha aberta para qualquer um ver. Eu acho que não é assim, não. As coisas têm que ser mais, não escondido, mais sigiloso, porque é a vida das pessoas. As anotações estavam lá na polícia civil, acho que na delegacia, tudo aberto, qualquer um que chegava ali olhava, qualquer um que eu digo é até mesmo da polícia, porque se é uma investigação, tem as pessoas certas para investigar, não é aberto para todo mundo, quem quiser olhar vai ver. Acho que tinha que ser mais sigiloso mesmo. Lá era uma clínica de planejamento familiar, eu não sei se, de repente, ela colocava DIU, ela colocava implante, eu não sei, porque planejamento familiar subentende que são métodos contraceptivos, então, de repente, ela colocava DIU ou alguma coisa assim.

Conheço outras pessoas que fizeram. Tem amigas minhas que, depois, até eu indiquei a clínica. Nossa, tem bastante gente.

Essa invasão da clínica em parte eu acho abuso, um pouco abuso de poder, eles acham que podem fazer o que eles acham que é certo, só que não é assim. Tem que ver o que foi, o que levou a fazer, no que isso vai repercutir na vida da pessoa, não só ali naquela hora, mas depois também. Eu acho que eles têm que ver isso também, não é chegar e falar: “Eu não acho certo, vamos pegar e condenar”. Não é assim, eu acho até que já passou da hora de legalizar, eu penso que tem que legalizar o aborto aqui no Brasil. Eu acho que essa é uma forma de resolver o problema, com certeza. Eu acho que para resolver teria que ser isso mesmo, legalizar o aborto, eu penso que sim. Porque ninguém fala assim: “Ah, eu saí com aquele cara ali, engravidei e amanhã vou lá”. Não é assim. Primeiro que ninguém quer engravidar assim por engravidar, a mulher quando chega no ponto de querer fazer é porque ela mesma se vê um pouco acuada, não tem muita alternativa.

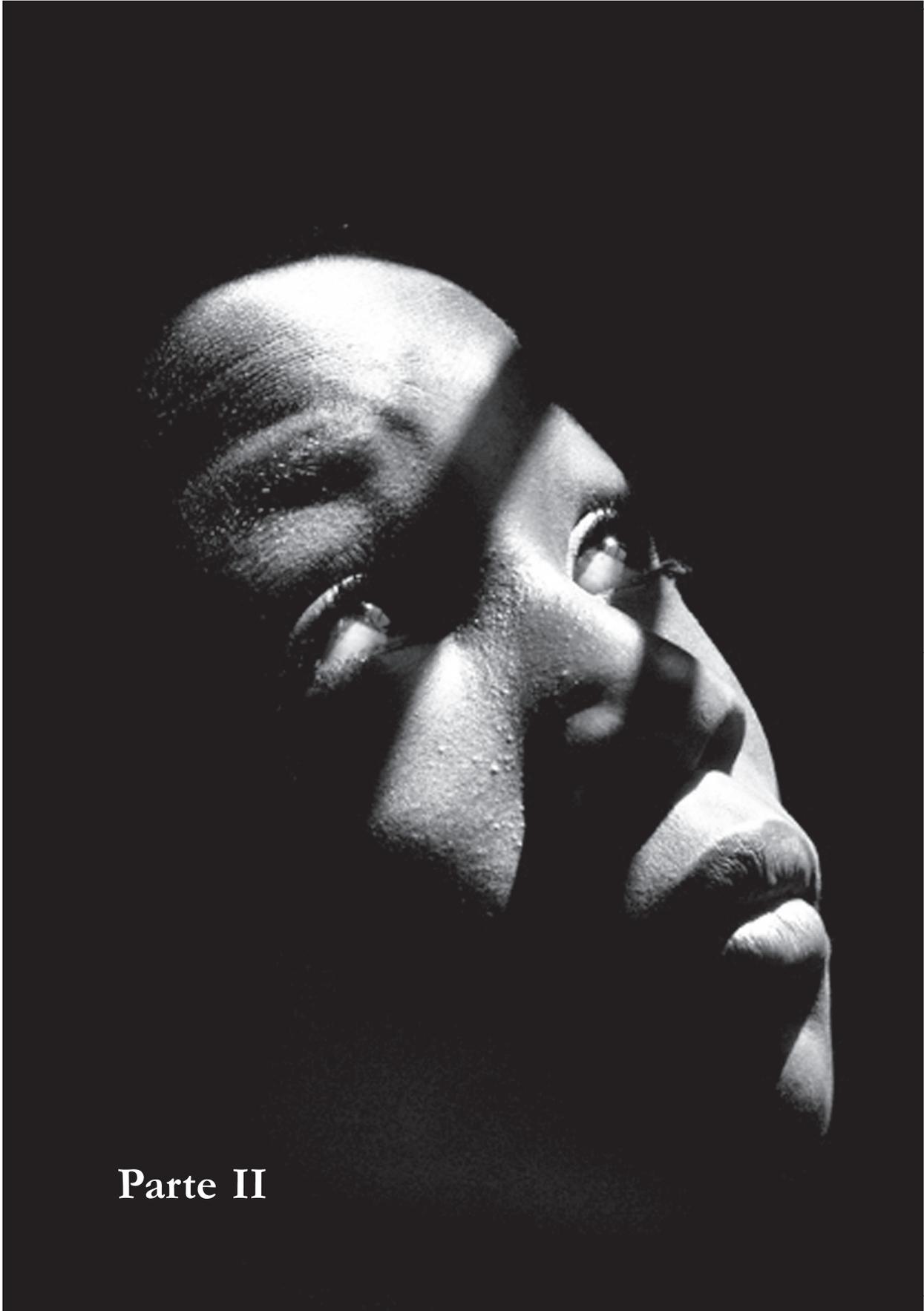
Eu penso que a gente tem que brigar pelo direito, é nossa vida, é o nosso corpo. A gente não está mexendo em nada de ninguém, eu não estou te agredindo, agredindo ele ali, é o meu corpo, se eu não puder ter direito ao meu corpo, eu vou ter





direito a quê? Então, eu acho que a gente tem que lutar pelos nossos direitos, de pelo menos ter o direito sobre o nosso corpo. O direito de a gente fazer o que bem entender da nossa vida, se tem direitos humanos, esse é o maior. A gente ter o direito sobre a nossa vida.”





Parte II





## *A tristeza de Libertina e Nelma*

E não era uma clínica de fundo de quintal, era uma clínica mesmo, com placa, registrada. Por isso que a gente trabalhava. Tinha alvará, tinha tudo para trabalhar, não era uma clínica clandestina.

Libertina e Nelma são profissionais de enfermagem e trabalhavam na clínica de Campo Grande. Foram processadas e condenadas a um ano e três meses de reclusão, no regime aberto, e quatro anos de reclusão, em regime inicial aberto, respectivamente. Vivem isoladas, amedrontadas, com receio de sair à rua, ainda hoje.

Após a invasão da clínica pela polícia e a imprensa, elas foram expostas ao país inteiro. Passaram meses sem sair de casa com medo da reação das pessoas. Tinham vergonha da família, dos amigos, dos vizinhos. Não conseguiram emprego até hoje. Nelma ainda manteve o emprego que tinha à época em que trabalhava na clínica mas sujeita-se a salário baixo, porque não conseguiria outra colocação. Foram vários não de hospitais e clínicas, muitos dos quais onde já haviam atuados por vários anos e onde eram reconhecidas como competentes profissionais de enfermagem.

Os depoimentos de Libertina e Nelma são emocionantes e emocionados. Nos levam a compreender melhor como a clínica era conhecida pela sociedade toda de Mato Grosso do Sul, inclusive pela elite do estado, e como era a rotina no local. É possível observar o quanto a clínica servia não apenas a mulheres em condições sociais desfavoráveis, mas também a gente que não queria ser reconhecida: filhas, mulheres e amantes de políticos, empresários, pecuaristas, jornalistas.

Eu queria começar perguntando como é que vocês foram chamadas para falar, como funcionou, como vocês receberam essa notícia do processo?



Libertina: Eu recebi a notícia assim: a minha filha ouviu na televisão que a polícia ia invadir a clínica, daí ela me ligou. Nós estávamos sentadas à mesa para almoçar e aí a minha filha me ligou e disse: “Mãe, a polícia vai aí, sai daí”. Estávamos eu, a Rosângela, a Maria Lúcia e a Elaine. Aí nós íamos sentar na mesa para almoçar e eu falei: “Gente...” e a doutora falou: “Vocês não me saiam daí”.

Ela estava sabendo também?

Libertina: Não, até aí acho que nem ela sabia o que ia acontecer, mas já tinha explodido a bomba. Aí a doutora falou: “Vocês não me saiam daí, vocês atendem o telefone, vocês atendem as clientes que ligarem”. Aí, a partir desse momento que eu recebi a ligação da minha filha, que ela ouviu no rádio, na televisão, que a polícia ia invadir a clínica, eu falei assim: “Meninas, vamos embora”. Nós mal almoçamos, limpamos as coisas, eu liguei para o Lucas e falei: “Lucas, nós estamos indo embora por isso e por isso, e vou fechar a clínica.”

A médica não estava lá?

Libertina: Não. Nós pegamos e saímos, trancamos mesmo. Quando foi no outro dia, às 7 horas da manhã, realmente foi policial. Aí a doutora ligou para saber se tinha alguma de nós lá. Eu falei: “Não, doutora, nós saímos ontem a tal hora, porque a polícia ia invadir a clínica e nós saímos, eu fechei a clínica e saímos. Eu liguei para o Lucas, avisei a ele que nós íamos fechar e saímos de lá. Lá não tem ninguém.” Aí todo mundo já ficou sabendo, todo mundo que passava lá via que estava fervendo de polícia.

Mas não tinha ninguém, não tinha paciente marcado, não tinha ninguém na clínica para ser atendido?

Libertina: Não, porque a partir do momento que saiu a notícia, que explodiu, aí ninguém mais marcou nada.

Nelma: A matéria saiu na segunda-feira. Eu pegava o serviço à noite, e eu comecei a achar estranho quando a Elaine falou que ia ter uma reportagem com a doutora. Eu achei estranho, porque aqueles repórteres, naquele horário, que matéria ia fazer com ela? Aí eu fiquei aguardando. Ela saiu depois que acabou a entrevista e eu falei: “Doutora, que entrevista é essa?” Ela: “Ah, Nelma, coisa besta. Diz que tinha uma matéria a qual a clínica podia ser denunciada.” Aí ela falou: “Não, mas é mentira deles. Eu só falei o que achava.” Isso foi no dia em que saiu a matéria porque eu estava trabalhando à noite.

Então a TV Morena anunciou antes de invadir a clínica?

Nelma: Não, teve uma matéria com uma psicóloga e eles deixaram um trunfo na mão deles, que foi o casal de repórter. Só que eles queriam a palavra da doutora, e aí eles



marcaram com a doutora. E a Elaine não sabia que tipo de entrevista era e marcou. Eles chegaram nesse dia dizendo que tinha um trunfo dela sobre o qual ela estava falando de aborto. Mas ela, nesse dia, não acreditou, pensou que fosse mentira e fez a matéria com ele. E eu saí 10 horas da noite, saí e passei para comer um “sobá”<sup>2</sup>. Quando eu sentei para comer, vi na televisão a imagem dela. Eu vi primeiro, aí eu liguei para ela e falei: “Olha, liga a televisão que a senhora vai ver, que a senhora me falou que era mentira, está passando agora na televisão.” E nisso já veio a repercussão toda.

Então, quando passou essa matéria vocês já não estavam mais lá?

Nelma: Eu já não fui mais. Eu trabalhava só à noite, eu não voltei mais lá na clínica e elas trabalhavam de dia, só que eu não avisei ninguém, nenhuma delas, só avisei a doutora. Porque eu vi primeiro na televisão, no jornal da Globo que passou.

E como foi depois, vocês voltaram na clínica, ela não tinha mais contato com vocês?

Libertina: Não. Foi o último dia que eu falei com a doutora, quando ela ligou para certificar-se de que não tinha nenhuma de nós lá dentro, depois eu não falei mais com ela. Falamos assim: quando fomos depor, porque daí já vieram as intimações para a gente depor... aí ela veio, pegou nós, levou a gente na delegacia para depor. E aí, depois que depomos, a gente foi se falar quando ela entrou com o processo, só que aí já é uma outra história, com a ex-funcionária dela, que é a Zenaide. Aí a gente voltou a se encontrar de novo para ir à delegacia outra vez depor contra essa funcionária. E depois disso a gente não se falou mais, a gente ficou mais de ano sem se falar. Aí quando veio o julgamento, que nós fomos depor lá no fórum, que aí nós fomos todas de novo, ela veio, buscou a gente de novo, trouxe de volta, fomos todas juntas.

Ela morreu antes do julgamento de vocês?

Libertina: Antes.

Nesse período, ela fazia o que, ela continuava a atender em outro lugar?

Libertina: Até onde eu sei, ela não estava atendendo.

Ela não falava nada para vocês nessas poucas vezes que vocês se viram no julgamento?

Nelma: Ela falava que era para acreditar que a gente ia sair dessa, que nós não tínhamos culpa nenhuma. Tanto é que ela falava na clínica que a gente nunca deveria saber além da conta, ela sempre deixava bem claro. “Vocês nunca procuram saber mais do que precisam, procurem saber só o suficiente, como funciona aqui dentro está bom”. Eu não sei se ela tentava nos proteger ao mesmo tempo. E quando a gente se encontrava, ela falava para acreditar que não ia acontecer nada com a gente.



Nesse período, vocês foram expostas, nesta matéria vocês foram expostas na televisão...

Nelma: Fomos expostas desde o começo. Eu não, porque eles não tinham muito a minha imagem, então quando eles falaram o meu nome, eles colocavam a minha prima, a Elaine saía no meu lugar. Eles não tinham a minha imagem, aí, depois que eles tiveram a imagem nossa...

Libertina: Nesse período quem aparecia junto com a matéria da doutora era eu, a Rosângela, Elaine...

E a Simone trabalhava diariamente lá?

Nelma: Ela não era diariamente, ela fazia uma prestação de serviços, não era nem funcionária da clínica, ela apenas prestava serviço como psicóloga da clínica.

Depois que isso aconteceu, depois que vocês foram expostas, depois que essa matéria foi para o ar e tal, o que aconteceu com a vida de vocês?

Nelma: Desde o começo, quando saiu, a vida nossa acabou. Eu fui criada pela minha mãe, nós somos 7 irmãos, eu sou a caçula na minha casa, então, eu me senti constrangida, constrangi a minha família porque nós fomos taxadas como bandidas mesmo. Eu penava assim... a minha mãe com 70 anos ver a filha lá. Era muito difícil, foi muito difícil, até hoje para mim é muito difícil.

A sua mãe sabia que você trabalhava lá?

Nelma: Sabia, mas jamais imaginou estar lá a filha, lá no jornal, ninguém esperava. Um sofrimento mesmo, acho que nós pagamos muito.

Nelma, você é auxiliar de enfermagem?

Técnica de enfermagem.

Do ponto de vista profissional, o que aconteceu para você de lá para cá?

Nelma: Eu sempre falo que eu gosto muito da minha profissão e foi isso que... eu não parei de trabalhar porque eu gosto mesmo, porque, senão, eu tinha parado.

Você teve dificuldade?

Nelma: Sim, as portas se fecham. Quem vai pegar alguém que está lá respondendo criminalmente?

Mas você tentou?

Nelma: Tentei, mas não adianta tentar. Até por isso a gente paga. Eu estou trabalhando porque eu já tinha trabalhado antes com eles e, antes de estar lá, eu já estava ficando com eles. Quando estourou, eles me deram a mão, e eu estou lá trabalhando. Mas muitas vezes, por mais que eu tenha trabalho hoje, eu ainda me sinto injustiçada porque eu estou na mão deles. Eles sabem que se eu sair de lá, não vou arrumar outro emprego, então, eles me



pagam um tanto que é conveniente para eles, não para mim. É porque eles sabem que eu não vou sair dali. Porque as portas também estão fechadas. Eu sinto muita injustiça ainda, bastante. É como se o que a gente sabe não valesse mais nada. As portas estão fechadas. Então, na realidade, nós que estamos pagando o preço, não as pessoas que foram lá, até a doutora, se estivesse viva, ela não iria pagar tanto assim, mas somos nós. Alguém tem que pagar, né?

Você mora com quem?

Nelma: Moram minha mãe e minha irmã.

E na sua casa era só você que trabalhava?

Nelma: Eu e minha irmã que trabalhamos em casa. A minha mãe é aposentada, nem dá para trabalhar porque é uma senhora de 70 anos.

E o que a sua mãe falou para você?

Nelma: A minha mãe, graças a Deus, naquele momento, ela não podia me julgar mais do que eu já estava sendo. Ela tentou me apoiar bastante. Se eles não me apoiassem naquele momento, Nossa Senhora, a gente não agüenta não.

E para sair na rua, naquele período mais próximo da exposição da TV, e depois no julgamento, que também foi outro...

Nelma: Foi muito difícil sair, mas eu estava já...porque eu tive que ir para o psiquiatra.... psicólogo, uma série de coisas...tinha que ter um suporte porque eu não agüentava sozinha. E o psiquiatra me disse assim: “Não abaixe a sua cabeça”. Porque quando eu fui, eu estava... Ele dizia: “porque se você abaixar, você vai fazer com que todos montem em cima de você, até você vai se fechar totalmente”. Depois, no outro dia em que foi o julgamento, foi a minha exposição bem maior, mais forte, eu sabia que se eu colocasse a cara na rua todo mundo ia falar: “Aquela lá, é aquela lá”. Eu tive medo, sim, eu já estava carimbada, né? O problema era eu não levantar a cabeça, porque eu não fiz nada de errado, lembrei da palavra que o psiquiatra tinha me dito e fui, saí. Fui no mercado. Eu tenho que enfrentar, porque se eu não enfrentar agora, eu não vou sair de casa. Vai ser mais difícil para mim. Aí eu saí, algumas pessoas olhavam de rabo de olho, fingia que não era comigo. Falei: “Não sou assassina, não posso permitir isso.” Mas tive que enfrentar.

E hoje, como que é? Até hoje você tem algum receio?

Nelma: Ainda tenho. É só o tempo mesmo que vai tirar. Apesar de que hoje eu nem lembro, procuro não lembrar mais dos fatos, mas foi muito forte. Eu falei para a Libertina: “Só nós mesmo que sabemos como que foi, ninguém mais”. Procuro não lembrar, senão, não vive.



Você trabalhou quanto tempo lá na clínica?

Nelma: Dois anos e meio.

E você se arrepende de ter trabalhado lá?

Não, eu não me arrependo não de ter trabalhado lá, porque tudo o que eu fazia lá é o que eu faço hoje. Eu não me arrependo do meu profissionalismo, mesma coisa se eu tiver renunciando àquilo que eu faço. É a minha profissão, e eu gosto do que eu faço. Não me arrependo. Nunca saí do que eu faço, até hoje, eu nunca sai fora, não me arrependo.

Libertina: Para nós, trabalhar lá nunca deixou de ser digno, porque nós fazíamos o nosso trabalho de enfermagem, que era salvar vida e cuidar de doente, então, para gente sempre foi um trabalho digno.

De repente você vê tudo caindo por terra e acontecendo tudo o que aconteceu, você sendo taxado como bandida, tudo aquilo que falaram na televisão. Nós que temos família, eu tenho os meus 2 netinhos, o meu netinho tem 6 anos, virou e falou assim para mim: “Vovó, eu te vi na televisão, você vai na polícia?” É doído, hein? É muito doído. E aí, você vai falar o que, você não consegue esconder de tudo e de todos, nós fomos expostas assim, ao mundo, como bandida, formação de quadrilha, assassina. Nós nunca matamos ninguém, nós não somos assassinas. O trabalho nosso era único e exclusivamente de enfermagem, pelo contrário, de salvar vida e não de tirar vida.

O que você pensa sobre aquelas mulheres que iam lá, você ficou 12 anos lá?

Libertina: Eu nunca vou condenar nenhuma delas, porque cada uma tinha o seu problema. É aquela coisa de você pensar: “Comigo isso nunca vai acontecer”. Pode acontecer. Então eu nunca vou criticar, condenar algumas delas que passaram por lá. Pelo contrário. Eu tinha pena delas, eu tinha dó de ver as situações em que elas se encontravam e de ter que estar ali, para fazer uma coisa que elas também não queriam fazer, elas eram obrigadas a fazer por causa da situação que estavam passando. È que nem eu te falei, ninguém ia lá por bonito, por achar lindo, nem sei me expressar bem como seria isso, entendeu? Mas eu te garanto que se elas tivessem um outro caminho, elas não fariam o que elas estavam ali para fazer.

As mulheres falaram que vocês tratavam muito bem delas, e isso é um diferencial, fazia com que elas não se sentissem tão péssimas, elas podiam estar piores do que elas estavam se sentindo, mas ali elas se sentiam gente, porque elas eram bem cuidadas e tinha alguém ali que, quando elas acordavam, estava do lado. Vocês tinham essa preocupação de estender a mão para aquelas mulheres?

Libertina: Com certeza porque elas já estavam sofrendo muito, pela situação que elas estavam passando. Então, a gente se via no dever, na obrigação de tratá-las muito bem, de



dar todo apoio moral e psicológico, tudo o que a gente poderia fazer por elas, com palavras, com gestos, na companhia, entendeu? Fazer o melhor possível para elas. Elas já estavam sofrendo muito. Então, se elas chegassem e nós fôssemos e tratássemos mal, seria o fim da situação.

Vocês são profissionais de saúde e vocês sabem que, no serviço de saúde, uma mulher que chega por aborto provocado, é mal-tratada. No geral, todas elas falam isso também, que tem esse estigma. Eu sei de médicos que tratam mal, de enfermeiras que tratam mal. O que vocês, que são profissionais de saúde, pensam disso, dessa forma que os próprios profissionais da saúde, que têm obrigação de cuidar e, ao invés de cuidar, eles julgam uma pessoa que precisa?

Nelma: Aí que está o diferencial. O profissional da saúde, daqueles que trabalham, não pela saúde, mas sim pelo dinheiro. Por isso que eu falo que eu acredito... nós somos profissionais de saúde, por isso eu te falei que não abri mão do meu trabalho, porque eu gosto. Hoje é aquela pessoa, amanhã pode ser eu, acho que a gente tem que pensar assim, porque um dia é ela, outro dia é você. E nós precisamos, seja num aborto, ou uma determinada consequência de saúde, a gente precisa ter uma pessoa que segure a mão da gente, e essa pessoa nada mais é que o profissional de saúde. A gente não está ali para julgar as pessoas, a gente está ali para ajudar as pessoas, isso não caberia a nós, a mim não.

Para você, Libertina, o que aconteceu com a sua vida pessoal e profissional, depois da invasão da clínica e do julgamento?

Libertina: A minha vida acabou também, né? Não teve mais respaldo em nada, porque o único apoio que eu encontrei, depois de tudo isso, foi com a minha família, com as pessoas que já conviviam comigo, nunca me desampararam, me deram força, as minhas amigas. Mas depois de tudo isso, eu fiquei aqui dentro da minha casa, 2 meses sem sair na porta da rua, porque eu tinha vergonha. Eu fui uma pessoa criada por família, por freira, então, eu tenho a minha religião, de repente, eu caí numa situação dessa. Eu tinha vergonha das pessoas que passavam na rua, porque eu sabia que todo mundo me viu na televisão, tanto que, quando eu precisei trabalhar, de ter um outro emprego, eu não consegui. As portas se fecharam para mim.

Eles falaram claramente o por quê?

Libertina: Porque “Ah, não posso te admitir, porque eu não quero me envolver com polícia”. Quer dizer, eu me tornei uma marginal na sociedade.

Mas como funcionava, você chegou em um lugar, numa clínica, num hospital, enfim... eles lembravam?



Libertina: Eles sabem o nome. Você deixa o currículo, a pessoa olha o seu nome: “Ah, essa é a fulana”. E acabou. Eu trabalhei no hospital infantil São Lucas, nem lá eles me pegaram de volta, porque na época, a pessoa que era o diretor, presidente do hospital, achou que eu não devia trabalhar lá mais, porque eu era uma pessoa que estava envolvida num caso policial, eu não era digna mais de ser uma profissional de enfermagem.

Quanto tempo você trabalhou lá?

Libertina: Dezesete anos. Dei toda a minha vida nesse período para o hospital, cansei de chegar...eu trabalhava no centro cirúrgico, eu sou instrumentadora, apesar de eu ser só uma simples auxiliar de enfermagem, mas eu fiz curso de instrumentação, então, eu era responsável pelo centro cirúrgico do hospital São Lucas. Cansei de deixar o meu marido em véspera de Natal e Ano Novo sozinho aqui em casa, e ir trabalhar, porque tinha emergência, ia atender o hospital, chegava de 3, 4 vezes à noite, numa noite só. Aí, quando eu precisei, todo mundo me virou as costas, fecharam as portas para mim, por causa desse detalhe. Quer dizer, aí você pergunta: “Vocês foram prejudicadas?” Somos eternamente prejudicadas. Se eles que me conheciam, sabiam todo o meu lado profissional, não me aceitaram, imagine quem não me conhecia? Como iam me aceitar, se eu era uma pessoa que estava sendo taxada como bandida, assassina, formação de quadrilha e outras coisas mais? Seria impossível, realmente, às vezes nem tiro a razão deles.

Como vocês, naqueles dias antes do julgamento, acompanharam as notícias?

Libertina: Foram muitas horas de terror, de sofrimento, de noites não dormidas. Eu também passei por psiquiatras e até hoje eu não me sinto uma pessoa normal. Porque se você parar e começar a pensar, ficou uma fita gravada na sua cabeça. O dia que você lembra, aquilo fica rodando, não acabou. Eu não sei se vai acabar. Porque para nós foi muito terrível, muito triste mesmo.

Como é que vocês foram para o julgamento, qual era a sensação?

Libertina: De terror, sensação de terror. O primeiro dia em que nós chegamos no fórum, que nós entramos, que eu vi aquele monte de polícia, até para nós irmos para o banheiro, a polícia tinha que nos acompanhar. Para quem nunca passou por uma situação dessa... foi muito terrível.

Como é que você estava, Nelma, naqueles dias antes do julgamento, e a sua família?

Eles ficaram muito abalados, só que, como eu já estava abalada, eles não podiam demonstrar para mim também, eles tinham que me transmitir força, não mostrar que eles estavam assustados também com a situação, porque já estava eu assustada. Eu acho que, infelizmente, a imprensa tem um poder de destruir...



Em relação à Dra. Neide, como vocês a vêem, que tipo de profissional, ela era uma pessoa que tinha essa visão humana daquele trabalho que estava sendo feito?

Libertina: A Dra Neide era uma profissional extremamente competente. Agora, ela tinha o lado dela de ser meio estressada, mas isso não quer dizer que ela não seria competente, que ela tinha pouca paciência. Ela explicava uma coisa e ela queria que você entendesse na primeira vez, então, ela não tinha paciência para explicar a toda hora a mesma coisa. Mas isso não quer dizer que ela atenderia mal as pacientes no trabalho dela, no trabalho profissional de médico. Como médica era extremamente capacitada para fazer o que ela fazia.

Nelma: Como patroa foi excelente. Ela era meio estourada, não tinha meio termo com ela.

Libertina: Às vezes ela falava com uma das senhoras: “Explica aí vocês, porque eu não tenho paciência para mexer com isso.” Mas não que ela ia fazer um mau trabalho com essa pessoa por causa do estresse, não.

Nelma: Acho que ela acreditava muito nas pessoas, talvez chegou aonde chegou até por causa disso, porque ela não fazia também só pelo dinheiro. Algumas pessoas iam lá, ela se comovia com o caso das pessoas, para muitas pessoas, ela fazia até de graça, dependendo do caso. Então, ela era um grande ser humano, excelente pessoa, não tinha nada que reclamar dela. Se você chegasse com problema, ela queria ajudar a pessoa. Ela gostava muito de cada um que trabalhava lá. É lógico, ela queria que nós déssemos sempre o melhor de nós, que está certo na razão dela. Mas até isso ela nos poupava para a gente não saber coisa demais, ela falava isso muito, que a gente não deveria saber além da conta.

Vocês sabiam desde que vocês entraram lá que ali o procedimento de aborto era feito ou não?

Nelma: Não. Ela não explicava isso. Isso que estou tentando te falar. Ela falava que a gente não deveria saber além da conta.

Mas vocês ficaram curiosas?

Nelma: A gente ficava curiosa, mas a gente não tinha certeza.

Nelma: Se nós fizéssemos a pergunta, ela não responderia. Ela falava que a gente não poderia saber além do limite, tinha que saber o nosso serviço; o resto, não.

Mas como profissionais de saúde.

Nelma: A gente tinha uma desconfiança, mas não tinha certeza, todo mundo tinha uma desconfiança. A gente sabia... Colocava-se DIU, fazia outros procedimentos também. Mas ela não chegava e falava: “Gente, essa menina aqui vai fazer um aborto hoje, vocês vão lá preparar.” Não. “Vocês preparam a sala” e pronto. Punciona a veia do paciente e acabou.



Em relação a pagamentos, tinha uma pessoa que cuidava disso?

Nelma: Diretamente com a doutora.

Então as pessoas tinham a chance de ir nela e explicar toda a história, ela tinha essa paciência?

Nelma: Sim, ela tinha porque no consultório a pessoa estava lá para falar com ela. E a gente sabe disso porque quando vinha na ficha ela falava: “Olha, essa aqui é uma coitada e não vai pagar nada, a gente vai fazer um servicinho extra, porque essa é uma coitada, precisa de ajuda.” E pronto, ela não dava detalhes demais. Então, depois, óbvio que a gente sabia porque o paciente muitas vezes comenta, só que a gente... fingia que não estava escutando, escutava, mas não escutava, porque a gente não podia questionar ela depois.

Nesse período, desconfiando ou tendo certeza do que era feito lá, vocês pensaram alguma vez: “vou sair daqui”, enfim, ficaram com medo, com receio de estar ali?

Nelma: Eu pensava em sair, mas não com receio de estar ali, eu pensava em sair porque eu queria voltar para a clínica mesmo, mas era cômodo o horário, o salário era bom. Eu trabalhava das 6 às 10. Então, elas que trabalhavam um pouco mais tempo, período integral. E o meu horário era excelente, nenhum local eu ia achar um horário de trabalho igual ao o meu. Entrar às 6 e sair às 10 horas. Então, ficou cômodo para mim. Nós tínhamos um salário bom, tínhamos Unimed. INSS ela nunca descontou de ninguém. Ela era uma excelente patroa.

Vocês eram registradas?

Nelma: Todas registradas.

Libertina: Eu não, eu tinha um contrato de trabalho.

Sobre isso que aconteceu, dela ter supostamente se suicidado, vocês que conviveram tanto tempo com ela, acham que ela tinha perfil para isso?

Libertina: Nós não acreditamos que ela se suicidou, ela não tinha perfil para suicídio, porque ela era uma pessoa que sempre batalhou pelo que ela queria e pelo que ela gostava e uma das coisas que ela sempre nos questionou é que um dia, tudo isso que aconteceu conosco, iria se reverter. Então, ela não ia se suicidar sendo que ela tinha essa finalidade de achar que estava tudo errado e que um dia ia ser consertado. Não sei se seria esse bem o termo que eu teria que usar.

Nelma: Se ela fosse se suicidar, ela ia fazer mais pressão ainda, ela ia deixar uma bomba. Aí eu ia falar que ela se matou. Mas não era o perfil dela.

Ela foi encontrada no carro dela, em frente a um sítio...

Nelma: Não era o perfil dela. Ela tinha algum trunfo na mão e eu não sei qual é.



Libertina: A gente se desesperou quando ela morreu porque, agora, só restaram nós. Essas que estão fora totalmente desse padrão, são classe alta, alta, elas não foram chamadas?

Nelma: Nenhuma vez.

Essa clínica todo mundo conhecia?

Nelma: A clínica eu não sei como era que eles conheciam, mas a clínica ficava bem no centro de Campo Grande.

Nelma: E não era uma clínica de fundo de quintal, era uma clínica mesmo, com placa, registrada. Por isso que a gente trabalhava. Tinha alvará, tinha tudo para trabalhar, não era uma clínica clandestina.

Nesse período, nada tinha acontecido, nenhuma outra ameaça de ir lá, nenhuma fiscalização, nada assim?

Nelma: Que eu me lembre só foi uma vez o pessoal do Coren<sup>3</sup>, mas é que eu trabalhava à noite e ela trabalhava de dia (refere-se a Libertina).

Libertina: Fazia uma inspeção rotineira como fazia nos hospitais. Tipo assim: o que está certo, o que está errado, por que isso aqui não está feito? Inclusive, a Saúde fez um levantamento: precisa ser feito isso, isso e isso. A doutora entrou em reforma, fez o que eles pediram. A reforma que foi solicitada pela Secretaria de Saúde, que precisava fazer, ela fez. Então, para nós, ali, era uma empresa normal. Porque tinha todos os requisitos normais de uma empresa, não tinha nada de errado para nós, tudo funcionava muito normal, tudo que uma empresa precisa ter para funcionar a clínica tinha, então porque nós íamos pensar que lá era uma clínica clandestina? Nunca nós íamos pensar nisso.

Na verdade não era uma clínica clandestina...

Nelma: Nunca foi. Não era uma clínica de fundo de quintal, era uma clínica de um sobrado, no centro, era toda legalizada. Era limpa, impecável, igual à clínica em que eu trabalho. Com dois centros cirúrgicos.

Libertina: Quando disseram lá no tribunal que nós estávamos sendo julgadas, que nós usávamos o material vencido, que a doutora não cuidava do bem-estar das pacientes, não era bem esse o termo, mas eu não tenho estudo para qualificar como eles disseram lá, porque eles disseram que a clínica enganava as pacientes, que usava material vencido, contaminado, enquanto não era nada disso. Tinha material vencido porque era um material que estava fora de uso. O nosso material era muito bem esterilizado pela central de esterilização. É uma empresa que esteriliza, é terceirizado o serviço. Então, eu fiquei surpresa quando saiu aquele tipo de matéria.



Isso saiu na imprensa?

Libertina: Na hora do julgamento, no dia que nós fomos julgadas, o promotor falou que a doutora usava agulha vencida, não se preocupava com a integridade da cliente. Não era assim. Uma das coisas que a doutora cobrava muito da gente, limpeza, material estéril, não faltar medicamentos, as coisas tinham que funcionar no certo. Ela não aceitava erro, falhas, a doutora não aceitava falhas da profissão, tinha que ser tudo...

Nelma: Isso eu aprendi muito porque ela falava que a gente mexia com vida, e vida não era fazer uma simples massa de bolo que dava conserto, não dava. Ali não tinha erro, não podia ter.

Teve algum problema, chegou ter um caso assim que deu errado?

Libertina: Nunca tivemos, pelo contrário, tivemos caso que veio de fora, atendida de fora, passou mal e nos procurou. Ela atendeu, levou para a Santa Casa. Foi durante o dia, uma cliente que chegou e passou mal e ela atendeu, o que ela não pôde fazer na clínica, ela já levou para a Santa Casa e tudo foi resolvido. A paciente estava com uma gravidez na trompa e aí ela passou mal e chegou na clínica, a doutora atendeu e aí teve que ir para a Santa Casa fazer cirurgia. Nós nunca tivemos caso de óbito na clínica, coisas erradas que falam. Muitas pessoas falam: “Ah, essa pessoa foi na clínica e fizeram o trabalho errado, não sei o quê”. Não, nunca.

Aqui em Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, tem serviço de aborto legal no caso de violência ou quando tem risco de morte para mãe?

Nelma: Um caso... ela era deficiente e teve que pedir autorização pela Secretaria e a Secretaria mandou esse caso para ela fazer lá na clínica. Tanto que ela fez lá na clínica. Eu lembro desse caso. Eu passei a noite com essa menina, que foi estuprada por um taxista e o outro caso foi feito no Cândido Mariano<sup>4</sup>. Pelo que consta, a Secretaria mandava para que ela fizesse os procedimentos, a Secretaria de Segurança, né?

Tem mais casos ou é só esse?

Nelma: Que lembro, particularmente, só 2 ou 3 casos. Esses chegaram até nós... “Vocês não vão cobrar nada de um paciente assim tal... não é para ser cobrado, vocês preparam porque é a Secretaria que está mandando”. Então, nesse caso, era comunicado os que ela poderia receber.

O que vocês gostariam de falar, se tivessem a oportunidade de falar para as pessoas, essas pessoas que julgam vocês, e não só estou falando do juiz, do promotor, da imprensa, mas estou falando para a sociedade que aponta o dedo com muita tranqüilidade como se aquilo nunca fosse acontecer com ninguém perto dela, o que vocês fariam?



Libertina: Eu acho que a imprensa, não que eu esteja discriminando o trabalho da imprensa, mas eles têm que tomar o cuidado de quando eles vão soltar uma matéria, o que eles vão dizer da pessoa, por exemplo, o que aconteceu conosco... Eles não me conhecem, não sabem quem eu sou, não sabem da minha vida. De repente, eles colocaram lá na televisão que eu sou assassina, marginal, formação de quadrilha e mais outras coisas que eu não me lembro agora. Quando eles fizeram isso, eles não se preocuparam que eu podia ser uma pessoa de família. Que nem eu disse a você, eu tenho os meus netinhos pequenos que participaram de tudo isso, que hoje falam. Então eu acho que eles tinham que tomar muito cuidado quando vão soltar uma matéria, de quem eles estão falando, não é chegar e marginalizar como eles nos marginalizaram, nós todas, funcionárias. Para eles é muito fácil, eles soltam a matéria, marginalizam as pessoas, aí amanhã ou depois não era nada daquilo...

Só que eles não pararam para pensar no estrago, o arraso que eles fizeram com a nossa pessoa. Eles nos acabaram, eles nos detonaram como ser humano. Porque apesar da gente ser pobre, nós temos uma vida na sociedade também, na nossa classe, no nosso degrau, nós temos a nossa vida. Eu nunca matei, eu nunca roubei. Porque eu fui taxada como marginal assassina, por quê? Quem que eu matei, eu te pergunto, para ser taxada como marginal e como assassina, como nós fomos na televisão, que o mundo inteiro está sabendo? Como é que fica a minha pessoa? Ninguém se preocupou com isso. Você vê, eu não sei se entra na matéria, mas particularmente eu vou te falar... Eu sou uma pessoa que eu não sei nem o nome da minha mãe, de repente, eu fui marginalizada, fui taxada como assassina, eu não fui criada assim. As pessoas que cuidaram de mim, me cuidaram com muito carinho, apesar de não ter sido a minha mãe, da minha mãe não ter manifestado como a minha mãe, que eu não sei quem é, mas eu não sou bandida como nós fomos taxadas na televisão. Eu te pergunto: como é que fica a minha situação hoje e o resto da minha vida, sem contar as demais funcionárias que tiveram o mesmo problema. Ninguém pensou isso. Nós somos seres humanos. Ninguém se preocupou.

Eu digo a você que se não fosse o Miguel lutar por nós... nós não temos condições de pagar o Miguel. Ele trabalhou por nós, lutou por nós o tempo todo por consideração, foi um pai que nós não tínhamos... mas é uma verdade. Você acha que se nós tivéssemos sido defendidas por aquele advogado que estava tratando da situação lá, onde será que nós estaríamos hoje?

Vocês foram procuradas por alguém para falar dessas coisas, alguém deu para vocês a chance de se defender?

Nelma: Não.



Nem a imprensa?

Nelma: Não. Só para criticar, né?

E para as pessoas em geral... para essas pessoas que não passaram por isso, mas podem passar um dia, para os homens que julgaram vocês?.

Libertina: Muitas clientes preservavam o nome do parceiro. Tinha cliente que mentia até o nome, para você ter idéia da situação, dava o nome falso, o número falso.

O nome do parceiro não aparecia nunca?

Libertina: Às vezes elas diziam, mas elas preservavam muito porque seria gente da sociedade, da mídia e era muito seu nome preservado na ficha. É tipo assim: “Eu te dou o dinheiro e você vai lá e se vira, mas não me comprometa”. É por isso que eu digo que a mídia não podia ter feito o que fez conosco, né? Porque elas precisaram tanto do trabalho da doutora. Então, eu acho que elas não podiam ter nos condenado.

Nelma: Tem a prova pelas pessoas, mas a prova concreta, material, ninguém achou nada, só de ficha.

Eu ouvi falar que tinha ficha de homem que foi para tratar uma gripe, alguma coisa assim...

Nelma: Eu não me lembro disso não. O homem tem a ficha porque ele levou a mulher, aí o nome de alguém tinha que constar na ficha.

Mas a clínica não tratava de homem?

Nelma: Não, de homem não, era mais mulher. Mas a prova a qual eles queriam, nunca foi encontrada.

Tem aquelas que tiveram filho e tiveram que levar o filho, apresentar o filho.

Nelma: Uma prima minha teve um filho, o filho dela hoje tem 16 anos e a doutora que fez o parto dela.

Quando vocês falam da mídia, não é só o jornalista da redação, era o dono do jornal?.

Libertina: Não, era a mídia inteira.

Nelma: Televisão, tudo. Porque era assim: Quando chegava a gente não tinha acesso. Por exemplo, se eu não estava lá à noite ou de dia... “vai chegar um paciente, você já faz isso, isso e isso, que já me ligaram aqui...” Eram os grandes que estavam mandando, eles falavam diretamente com ela por telefone e a gente ia lá, recebia o paciente... A cara deles não aparecia. Se fosse à noite: “Oh Nelma, vai chegar...” Eu atendi várias vezes médicas ligarem. Não vou citar nomes... Aí eu pergunto para você: “Onde nós erramos? Por trabalhar? Onde está que eu e a Libertina somos bandidas? Eu queria matar alguém? Eu matei alguém? Eu só queria trabalhar, eu estava trabalhando. É porque você estava no momento errado, na hora errada.



Se você pudesse olhar e fazer um balanço disso e dizer para as pessoas, o que significou isso, essa tristeza que vocês já passaram e estão passando ainda?

Libertina: Primeira coisa que eu gostaria de falar é que nós, funcionárias, nunca fomos assassinas, nunca fomos formação de quadrilha, nunca fomos tudo que o imprensa soltou na televisão. Pelo contrário, nós somos seres humanos, profissionais de enfermagem que precisávamos trabalhar para ter a nossa vida digna, para não roubar, para não matar. Pelo contrário, e que essas pessoas que nos julgaram, que nunca pensem que isso nunca vai acontecer com elas. Isso é o que eu tenho para dizer.

Quando eles deram a sentença, qual foi a sensação?

Nelma: Ali dentro a gente já não tinha sensação mais. O corpo está presente e a alma não está.

Nelma: É como que o corpo está ali, mas você não está ali. Eu não sei te explicar esse negócio, é uma coisa estranha. O Miguel sempre nos tranquilizava e eu sempre falei que estava em Deus e nas tuas mãos.

## *Bibliografia*

ADESSE, L. e MONTEIRO, M. A Magnitude do Aborto: aspectos epidemiológicos e sociais. Rio de Janeiro: Ipas Brasil e IMS/UERJ, 2007

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

COOK, Rebecca; FATHALLA, Mahmoud. Saúde reprodutiva e direitos humanos: integrando medicina, ética e direito. Rio de Janeiro: Cepia, 2004

GALLI, Beatriz; CAMPOS, Carmen Hein. Mulheres processadas pela prática de aborto em Mato Grosso do Sul: direitos humanos e reprodutivos em questão. In: SYDOW, Evanize; MENDONÇA, Maria Luisa. Relatório Direitos Humanos no Brasil 2008. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2008

IPAS BRASIL. Processos judiciais envolvendo abortamento: Negação dos Direitos Reprodutivos das mulheres em Mato Grosso do Sul. Rio de Janeiro: Ipas Brasil, dezembro 2008. Disponível em [www.ipas.org.br](http://www.ipas.org.br)

GALLI, Beatriz. Direitos Reprodutivos: Direitos Humanos em Disputa. In: SYDOW, Evanize; MENDONÇA, Maria Luisa. Relatório Direitos Humanos no Brasil 2009. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2009



HUMAN RIGHTS WATCH. A state of isolation, Access to abortion for women in Ireland, New York, Human Rights Watch, 2010

Kumar A. Hessini L & Mitchell, Conceptualizing abortion stigma, Culture, Health and Sexuality, Vol. 11, No. 6, Agosto, 2009, 625-639.

1 Lucas Motas Lorenz é sobrinho da médica Neide Mota Machado

2 Um tipo de macarrão japonês, feito de trigo sarraceno

3 Conselho Regional de Enfermagem

4 Maternidade Cândido Mariano

5 Dr. Miguel Sá de Miranda, advogado de defesa das profissionais de saúde da clínica, solidarizou-se com a situação delas e tem realizado desde o início o trabalho sem receber honorários, por acreditar que elas estão passando por uma violação de direitos humanos.